

MÁRIO SOUTO MAIOR

A  
LÍNGUA  
NA BOCA  
DO POVO



Fundação Joaquim Nabuco  
Editora Massangana



[www.soutomaior.eti.br](http://www.soutomaior.eti.br)  
Mário Souto Maior Web



A  
LÍNGUA  
NA BOCA  
DO POVO

SÉRIE OBRAS DE CONSULTA, 13

Não encontrando este livro nas livrarias, favor dirigir-se à EDITORA MASSANGANA – Rua Dois Irmãos nº 15 - Apipucos - Recife - PE - Brasil - CEP 52.071  
Fone: 268-4611 - Telex (081) 268-9600

Foi feito o depósito legal

Souto Maior, Mário, 1920 –

A língua na boca do povo / Mário Souto Maior. – Recife : FUNDAJ, Editora Massangana, 1992.

91p. – (Obras de consulta; n. 13)

Inclui bibliografia e índice  
ISBN 85-7019-231-2

1. LÍNGUA PORTUGUESA – REGIONALISMOS. 2. ANTROPOLINGÜÍSTICA. 3. SOCIOLINGÜÍSTICA: I. FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. II. Título. IV Série.

CDU 806.90-087

MÁRIO SOUTO MAIOR

da Fundação Joaquim Nabuco

A  
LÍNGUA  
NA BOCA  
DO POVO

Recife  
Fundação Joaquim Nabuco  
Editora Massangana  
1992

ISBN 85-7019-231-2

© 1992 Mário Souto Maior

Reservados todos os direitos desta edição

Reprodução proibida mesmo parcialmente, sem autorização da Editora Massangana da Fundação Joaquim Nabuco

Fundação Joaquim Nabuco – Editora Massangana  
Rua Dois Irmãos nº 15 – Apipucos – Recife – PE – Brasil  
CEP 52071

Impresso no Brasil  
Printed in Brazil

Conselho Editorial

*Fernando de Mello Freyre* – Presidente

*Alexandrina Sobreira de Moura*

*Cecília Maria Westphalen*

*Elide Rugai Bastos*

*Fernando Antônio Gonçalves*

*José Antônio Gonsalves de Mello*

*José Arthur Rios*

*Leonardo Dantas Silva*

*Leonardo Guimarães Neto*

*Potyguar Mattos*

*Vamireh Chacon*

Direção Executiva da Editora Massangana

*Leonardo Dantas Silva* – Diretor-Geral

*Maria da Conceição Luna Rodrigues* – Gerente Administrativo

*Silvio Roberto Bentzen Pessoa* – Diretor de Editoração

*Evaldo Donato* – Diretor de Comercialização

Capa: *Rejane Vieira Pinto*

Revisão: *Nara Antunes, Rosa Martins, Rômulo Freire e José Romero Sobreira*

Ilustração da capa e folha de guarda: *Painel de Xilogravuras com capas de folhetos populares, selecionadas do livro Xilogravuras Populares Alagoanas de José Martins dos Santos e outros, Coleção Théo Brandão; Maceió, Museu Théo Brandão, Universidade Federal de Alagoas, 1973*

## SUMÁRIO

Apresentação . . . . .	7
A . . . . .	11
B . . . . .	15
C . . . . .	19
D . . . . .	31
E . . . . .	39
F . . . . .	43
I . . . . .	49
J . . . . .	50
L . . . . .	51
M . . . . .	53
N . . . . .	55
O . . . . .	59
P . . . . .	63
Q . . . . .	67
R . . . . .	69
S . . . . .	71
T . . . . .	76
U . . . . .	81
V . . . . .	83
Índice onomástico . . . . .	85
Bibliografia de Mário Souto Maior . . . . .	91

## QUESTION

1. The following table shows the number of people who visited the National Gallery in London in 2007.

Age group	Male	Female
0-14	120	150
15-24	180	220
25-34	250	300
35-44	320	380
45-54	400	480
55-64	480	580
65-74	550	650
75-84	620	750
85+	700	850

2. The following table shows the number of people who visited the National Gallery in London in 2008.

Age group	Male	Female
0-14	130	160
15-24	190	230
25-34	260	310
35-44	330	390
45-54	410	490
55-64	490	590
65-74	560	660
75-84	630	760
85+	710	860

3. The following table shows the number of people who visited the National Gallery in London in 2009.

Age group	Male	Female
0-14	140	170
15-24	200	240
25-34	270	320
35-44	340	400
45-54	420	500
55-64	500	600
65-74	570	670
75-84	640	770
85+	720	870

4. The following table shows the number of people who visited the National Gallery in London in 2010.

Age group	Male	Female
0-14	150	180
15-24	210	250
25-34	280	330
35-44	350	410
45-54	430	510
55-64	510	610
65-74	580	680
75-84	650	780
85+	730	880

## APRESENTAÇÃO

A continentalidade geográfica do país fazia com que, nos meados do século, regiões fossem ilhadas lingüisticamente, permitindo, assim, a existência de vocabulário, de expressões populares e até mesmo de um linguajar próprio de cada uma delas. Assim é que existia, com muito mais força e potencialidade, o falar gaúcho com influências fronteiriças, o lusitanismo do nortista em função da ainda então predominante colonização portuguesa, a maneira diferente do nordestino se expressar sem nenhuma musicalidade, a gíria gostosamente melodiosa do carioca, a pronúncia **arrastada** do mineiro e do paulista

No começo do século tais limitações geográficas eram uma constante ainda muito mais forte na língua portuguesa falada no Brasil. As pessoas de determinadas regiões eram mais facilmente reconhecidas logo quando começavam a falar. É que, repetimos, as palavras, a entonação vocal e as expressões populares estavam regionalmente aprisionadas em seu **habitat**, de vez que não existiam, com o poder que têm atualmente, os modernos e polivalentes meios de comunicação que diminuíram, pela aproximação das distâncias, a continentalidade do país.

Outros fatores, antes da tecnologia eletrônica, fizeram com que tais limitações ou fronteiras vocabulares perdessem sua força: as migrações, o deslocamento à procura de trabalho ou conseqüente de impulsos da mobilidade herdado de nossos ancestrais portugueses, a fuga das estiagens prolongadas, fizeram com que nordestinos e nortistas participassem da construção da Transamazônica e da cidade de Brasília, da pecuária de Mato Grosso, da cultura de café de São Paulo e do Paraná, da construção civil do Rio de Janeiro e também de São Paulo, do canteiro de obras das hidroelétricas, locais onde ainda se misturam costumes, hábitos alimentares, manifestações folclóricas e, também, vocábulos e expressões populares.

A verdade é que atualmente as fronteiras regionais da linguagem brasileira são mais tradição do que realidade e, quando ainda são uma realidade, não têm mais aquela força de antigamente. Hoje, expressões populares próprias de determinadas regiões chegam até mesmo a ser comuns em termos nacionais.

Este trabalho procura, na medida do possível e dentro de suas limitações, mostrar como a maioria das expressões populares viajam no território nacional através da produção literária de seus escritores, enquanto outras ainda permanecem presas a seu berço natal, notadamente no falar das pessoas mais idosas.

Visando contribuir para o estudo das expressões

populares nas diversas regiões geográficas brasileiras, esta pesquisa escolheu, como universo, a literatura brasileira representada por escritores de quase a totalidade dos estados da Federação, o que constituiu um trabalho muito longo, principalmente no que diz respeito também ao tempo gasto na leitura de mais de duzentos romances, coletâneas de contos e crônicas, além de artigos publicados em revistas e jornais.

Acredito que o aspecto mais interessante desta pesquisa seja a ausência destas 203 expressões populares no maior e mais popular dos dicionários brasileiros da atualidade, o **Novo Dicionário da Língua Portuguesa** (1a. ed.), de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

É conveniente salientar que a maioria das expressões populares existentes em nossa língua são originárias do Nordeste e Norte, onde a língua falada e escrita foi mais enriquecida por força da homogeneidade do elemento colonizador.

Que não tenham sido gastos em vão o esforço e a dedicação necessários à execução de um trabalho desta natureza, levando-se, também, em consideração, que nada é perfeito e que nada é completo em tudo que é feito pelo homem.

Este trabalho — acredito — não passa de uma modesta contribuição, de um pescador de pérolas, ao estudo da língua portuguesa falada no Brasil.

the same time, the fact that the majority of the respondents were male, and that the majority of the respondents were in the 30–40 age range, may have influenced the results. The fact that the majority of the respondents were male may have influenced the results because men are more likely to be involved in the family decision-making process than women. The fact that the majority of the respondents were in the 30–40 age range may have influenced the results because this age group is more likely to be involved in the family decision-making process than other age groups.

The fact that the majority of the respondents were in the 30–40 age range may have influenced the results because this age group is more likely to be involved in the family decision-making process than other age groups. The fact that the majority of the respondents were in the 30–40 age range may have influenced the results because this age group is more likely to be involved in the family decision-making process than other age groups. The fact that the majority of the respondents were in the 30–40 age range may have influenced the results because this age group is more likely to be involved in the family decision-making process than other age groups.

The fact that the majority of the respondents were in the 30–40 age range may have influenced the results because this age group is more likely to be involved in the family decision-making process than other age groups. The fact that the majority of the respondents were in the 30–40 age range may have influenced the results because this age group is more likely to be involved in the family decision-making process than other age groups.

The fact that the majority of the respondents were in the 30–40 age range may have influenced the results because this age group is more likely to be involved in the family decision-making process than other age groups. The fact that the majority of the respondents were in the 30–40 age range may have influenced the results because this age group is more likely to be involved in the family decision-making process than other age groups. The fact that the majority of the respondents were in the 30–40 age range may have influenced the results because this age group is more likely to be involved in the family decision-making process than other age groups.

## A

ABRIR A BOCA. I. Falar, conversar. Abons.: 1. "Cipriano indagou se já haviam perguntado o nome dele, e João Borrego antecipou-se a Caetano que ia **abrir a boca** para responder". JARDIM, Luís. **Maria Perigosa**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 161; 2. "... e já ia **abrir a boca** para nova pergunta quando ...". BORBA FILHO, Hermilo. **Agá**. Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 1974, p.5; 3. "... embora antes de **abrir a boca** a fim de revelar o seu maior segredo ele já tivesse sorrido". BARROSO, Maria Alice. **Quem Matou Pacífico?** 2. ed. Rio de Janeiro: Bruguera, 1969, p. 107; II. Bocejar. Abon.: "**Abriu a boca**, mas não chegou a bocejar". FAGUNDES TELLES, Lygia. **O Jardim Selvagem**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 32.

ABRIR AS ASAS. Fugir, desaparecer. Abon.: "Elisa fechou a blusa, mas não se ergueu. Falava de como o marido a fizera infeliz e depois **abriu as asas**". TREVISAN, Dalton. **O vampiro de Curitiba**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 24.

ABUSAR DA INOCÊNCIA. Desvirginar. Abon.: “Obrigiar a casar com a moça pobre, que **abusara da inocência**”. CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Flor dos Romances Trágicos**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966.

ALISAR OS BANCOS DA ESCOLA. Frequentar escola. Abon.: “Os pais mais letrados, os que lêem jornal ou andaram **alisando os bancos da escola**, preferem os nomes dos grandes homens, dos grandes estadistas, dos grandes brasileiros”. SOUTO MAIOR, Mário. **Nomes próprios pouco comuns**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974, p. 24.

ANDAR DE PIRES NA MÃO. Passar por uma situação difícil, precisar da ajuda de outrem, pedir auxílio. Abon.: “O amigo tem suas razões, não nego. Mas sei o que sofreu Quincas de Barros para salvar a São José. **Andou de pires na mão**, feito mendigo de porta de igreja”. CARVALHO, José Cândido de. **Olha para o céu, Frederico!** São Paulo: Editora Três, 1974, p. 98.

ANDAR (ou PÔR, ou BOTAR, etc.) O CARRO NA FRENTE DOS BOIS. Inverter a ordem natural, normal, das coisas. Abon.: “Por sua exigência estou narrando os sucedidos na minha vida, sem pretender as palmas do muito bem e as ganâncias do aprovado. Nunca **botei o carro na frente dos bois**.” JOSÉ NIVALDO. **Doutor Marcolino**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora/Pró-Memória/INL, 1983. p. 24.

APERTAR O CINTURÃO. Fazer economia a ponto de sofrer privações. Abon.: "Sebastião tem sempre na cabeça planos de invenções. Se não os coloca logo em prática é porque não dispõe de recursos. Chegou a **apertar o cinturão** para conseguir isso". OLIVEIRA, José do Patrocínio. Quer seu lugarzinho ao sol um inventor pernambucano. **Diário da Noite**. Recife, 14.01.1954.

ASSIM OU ASSADO. De uma maneira ou de outra. Abons.: 1. "Dizia continuamente que aquilo não era vida e que um dia havia de melhorar, **assim ou assado**". FONTES, Amando. **Os corumbas**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 54; 2. "Pra que? Há nada mais bonito do que aquilo que Deus fez para os olhos da gente ver? Eu nunca faço de conta que vejo **assim ou assado**". JARDIM, Luís. **Maria Perigosa**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 151; 3. "**Assim ou assado**, estou gostando de você. Já que você me chamou, por que não desce um pouquinho até na porta?" JOÃO ALPHONSOS. **Contos e novelas**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976, p. 134.

ASSOBIAR E CHUPAR CANA AO MESMO TEMPO. Diz-se da impossibilidade de quem tem que fazer duas coisas incompatíveis ao mesmo tempo. Abon.: "Em 1982 o brasileiro empobreceu 1,1%. E ainda tem de pagar US\$ 100 bilhões **chupando cana e assobiando**". Coluna de Paulo Fernando Craveiro, **Diário de Pernambuco**, Recife, 19.05.1983, cad. 1, p. A-6.

ATIRAR PEDRA EM CASA DE MARIMBONDO. Não é bom bulir com quem está quieto porque os resultados são os mais imprevisíveis que se possam imaginar. Abon.: “Além disso, a classe é unida. Esses nobres de Alcântara me põem no olho da rua. Não, amigo Cohem, não **atire pedra em casa de marimbondo**. Fique quieto no seu canto. Conselho de amigo. Do contrário, pode dar-se mal”. MONTELLO, Josué. **A noite sobre Alcântara**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978. p. 141.

A TORTO E A DIREITO. Desordenadamente, indiscriminadamente. Abon.: “— Essa menina, que pelos modos não tem que fazer, namora a **torto e a direito**, dá corda a quantos bicho-careta lhe arreganhar os dentes”. AZEVEDO, Arthur. **Contos cariocas**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Leite Ribeiro, 1928, p. 67.

AQUI É QUE A PORCA TORCE O RABO. É chegada a hora ou o momento mais difícil de um problema, de uma situação. Abons.: 1. “Não falo por mim, que sou viúva. Mas, por você: e o Solar? Aroeira suspirou numa preocupação: — **Hoc opus hic labor est**. — O que? — **Aqui é que a porca torce o rabo**”. FRANÇA DE LIMA, Geraldo. **Jazigo dos vivos**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 23; 2. “Um dia eu pego um satanás desses cortando o meu arame. Ah, pego mesmo! . . . Aí que a **porca vai torcer o rabo direitinho**”. MAGALHÃES DA COSTA. **Estação das manobras**. Teresina, Projeto Petrônio Portela, p. 22.

## B

**BATER O FACHO.** Morrer. Abon.: “— Houve nada, não, dona Crescência. Fique descansada. Foi um passamento. Seu Vitorino pensou na pior, atoleimou-se, imaginando que a senhora se encontrava **batendo o facho**”. JOSÉ NIVALDO. **Doutor Marcolino.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora/ Pró-Memória/INL, 1983, p. 23.

**BOTAR A MÃO.** Pegar, descobrindo quem. Abon.: “... uma filha do seu Inácio da bolandeira — começou ela, falando depressa, fazendo muitos gestos, sempre sorrindo, brincalhona — fora deflorada, mas não haviam conseguido **botar a mão** no autor da história, que pernas prá que te quero, botara-se por este mundo afora”. CONDÉ, José. **Pensão Riso da Noite.** São Paulo: Editora Três, 1973, p. 74.

**BOTAR A MÃO NA CABEÇA.** Ficar com ar de louco, contrariado, sem saber o que faça, confuso, desnorteado. Abon.: “Mas durou pouco a festa de Quincas Barros. O desastre veio sem ninguém esperar, como trovoadas de mês de cigarra. E pegou em

cheio o usineiro que outra vez **botou a mão na cabeça**". CARVALHO, José Cândido de. **Olha para o céu, Frederico!** São Paulo: Editora Três, 1974, p. 77.

BOTAR ÁGUA A PINTO. Facilitar algo em benefício de outrem. Abon.: "Esse velho é um sabidão! Isso não **bota água a pinto!** interrompeu o velho Gusmão, compadre dele, que se chegava para a roda". JARDIM, Luís. **Maria Perigosa.** São Paulo: Editora Três, 1974, p. 109.

BOTAR AS BARBAS DE MOLHO. Tomar as devidas precauções. Abon.: "Eu, se fosse o senhor, seu Moreira — era a sogra que dizia — **botava minhas barbas de molho**". CHICO ANÍSIO. Filho. **O Diário.** Piracicaba (SP), 5.06.1983. p. 4.

BOTAR BILIRO DE VACA. Cornear. Abon.: "E é o que ele merece? **Biliro de vaca?**" MARINHO, Luiz. **Viva o cordão encarnado.** Recife: Museu do Açúcar, 1969, p. 18.

BOTAR CHIFRES. Cornear. Abons.: 1. "Feia como uma jararaca e querendo vestido de mocinha. Garanto que quer **botar chifres** em seu Leon." AMADO, Jorge, **Suor** 19. ed. São Paulo: Martins, 1969, p. 232; 2. "Na verdade, só sentei um **chifre.** O que minha mãe **botou** em meu pai depois de morto. Tereza me **botou chifre** mas não me desprezava, ainda". CONY, Carlos Heitor. **Matéria de memória.** São Paulo: Editora Três, 1973, p. 120.

**BOTAR NA BANGUELA.** Banguelo é aquele que não tem os dentes da frente. A caixa de marcha dos automóveis é composta de carretas dentadas, uma para cada marcha, primeira, segunda, terceira, ré. Para economizar gasolina, os motoristas aproveitam os declives, embalam seus veículos e deixam a caixa de marcha em ponto morto, isto é, sem nenhuma carreta engrenada. Assim fazendo, o veículo desce o declive por gravidade, sem gastar combustível. A expressão nasceu como gíria de motorista e passou ao domínio popular significando de graça, sem gastar nada. Abon.: "Nas descidas, **botava** o caminhão **na banguela**, a contragosto. O bom era passar marcha e deixar o bicho rosnando. Mas o atraso da prestação obrigava a pensar na economia." JOSÉ NIVALDO. **Doutor Marcolino.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora/Pró-Memória/INL, 1983, p. 6.

**BOTAR O MUÇU DE MOLHO.** Manter relações sexuais. Abon.: "Aproveitei uma horinha que ela foi conversar na casa de uma rapariga na rua do Meio para **botar o muçu de molho**". ASFORA, Permínio, Sapé. Curitiba: Editora Guaíba, 1940, p. 146.

**BOTAR O OLHO DE FORA.** Diz-se do sol, quando amanhece o dia. Abon.: "Chovia muito. Não esperou sequer que o tempo levantasse, que **o sol botasse o olho de fora**". FRANCISCO JULIÃO. **Cachaça.** Recife: Editora Nordeste, 1951, p. 47.

**BOTAR SANGUE.** Menstruar-se, a mulher. Abon.: "Mas é novinha por demais, não tem ainda onze anos

e nem **botou sangue.**" AMADO, Jorge. **Tocaia Grande.** Rio de Janeiro: Editora Record, 1984, p. 54.

**BRIGA DE BOCA.** Discussão acalorada; briga só de palavras, de insultos. Abon.: "Fiz ver a ele que de **boca quem briga** é mulher do mundo." ASFORA, Permínio. **Vento nordeste.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1957, p. 57.

**BULIR NA MOBÍLIA.** Desvirginar a mulher, deflorar. Abon.: "Muitas noivas já foram devolvidas aos pais com véu, grinalda e tudo, muito sangue já foi derramado quando os noivos descobriram que suas escolhidas já não tinham mais seus **três vinténs**, que já haviam **bulido na mobília** de suas eleitas." SOUTO MAIOR, Mário. **Folclorerotismo.** Recife: Edições Pirata, 1980, p. 21.

**BAGUNÇAR O CORETO.** Anarquizar; esculhambar; cometer desordem. Abon.: "A corrupção imperativa. Que a coisa, do ponto que está, está mesmo folote. **O coreto bagunçado.** O barco velho sem rumo". MAGALHÃES DA COSTA. **Estação das manobras.** Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985, p. 22.

## C

**CAGADO E CUSPIDO.** Diz-se quando uma pessoa é muito parecida com outra. Abon.: "Hem, Amaro, se eu tivesse um dente de ouro na frente a essas alturas, estaria escritinho o cão, **cagado e cuspidó**, eu mesmo não me olharia no espelho, inda mais com essas corujonas piando por aí." RIBEIRO, João Ubaldo. **Sargento Getúlio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 77.

**CAGAR GOMA.** Contar vantagem, engrandecer-se, contar pabulagem. Abon.: "Dava um quarto ao diabo para contar uma pabulagem, **cagar goma**." RABELLO, Evandro. **O mundo de dona Finha**. Recife: Departamento de Cultura, 1969, p. 43.

**CAIR NA BOCA DO MUNDO.** Diz-se da mulher que dá o que falar a respeito de sua honra. Abon.: "Mas, já **caiu na boca do mundo**." ALMEIDA, José Américo de. **A bagaceira** 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1928, p. 140.

**CAIR NA BOCA DO POVO.** Diz-se do fato ou da

notícia que todo mundo já sabe e comenta. Abons.: 1. "O menino que chegou pela mão de padrinho Aluízio, hoje com o nome **na boca do povo**, tinha que fazer o que fez." FILHO, Adonias. **Corpo vivo** 4. ed. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 59; 2. "Governara a cidade, deixava um nome **na boca do povo**." PEREIRA, Antônio Olavo. **Marcoré**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 161; 3. "... deu com o estrangeiro que, a essa altura, **na boca do povo**, já havia pedido Luíza em casamento". BARROSO, Maria Alice. **Quem matou Pacífico?** 2. ed. Rio de Janeiro: Bruquera, 1969, p. 40.

CAIR DOS QUARTOS. Ser pederasta. Abon.: "Esse negro safado não deixa ninguém dormir, nem fica quieto. Esse cabra **caí dos quartos**, não juro por ele". CAMPOS, Maximiano. **Sem lei nem rei**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1968, p. 37.

CAIR NO BREDO. Desaparecer, dar no pé. Abon.: "Eu estava vendo a hora que tinha de fazer uma besteira por causa das implicâncias deles. Resolvi então **cair no bredo** para ganhar a vida." PEREGRINO JÚNIOR. **Histórias da Amazônia**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 176.

CAIR NO MUNDO. Prostituir-se, a moça. Abon.: "A senhora não sabe quem é Anita? Ela **caiu no mundo** já faz tempo". FONTES, Amando. **Os corumbas** 7. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1967, p. 123.

**CAIR O QUEIXO.** Diz-se de quem fica boquiaberto, admirado, surpreso. Abon.: “Doutor Lucena fez fileira de pergunta e teve respostas do arco-da-velha. **Caí o queixo!** Dona Elvira contou conversa que nem sei onde foi buscar”. JOSÉ NIVALDO. **Doutor Marcolino.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora Pró-Memória/INL, 1983, p. 36.

**CALA-TE BOCA!** Ato de se bater com a mão na boca, de arrependimento por alguma coisa que se disse e que não deveria ser dito. Abons.: 1. “Não vê meu João? Tem até trancelim de ouro que eu dei. Apesar de tudo não sabe fazer, sem pressa de acabar, nem . . . — fingindo malícia no susto do arrependimento, pela necessidade insopitável de insinuar seus possíveis pecadilhos, a mulher bateu com a mão aberta na boca, em um gesto engraçado pelo ridículo da idade — **Cala-te, boca! . . .**” SANTOS, João Felício dos. **Benedita Torreão da Sangria Desatada.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, p. 117; 2. “Agora uma coisa era certa: não gostava de deixar os amigos desprevenidos. Embora não da sua conta. . . — **cala-te, boca!**”. LEMOS, Gilvan. **Emissários do Diabo.** São Paulo: Editora Três, 1974, p. 40; 3. “**Cala-te, boca!** Era tarde; olhos cheios de terror”. TREVISAN, Dalton. **O vampiro de Curitiba.** São Paulo: Editora Três, 1974, p. 35.

**CANTANDO DE GALO.** Mandando; ordenando; à frente de. Abon.: “. . . a holandesada tomando conta de quase tudo e **cantando de galo . . .**” RIBEIRO,

João Ubaldo. **Livro de Histórias**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981, p. 80.

CANTAR DE GALO. Ser o chefe, assumir a direção, resolver os problemas, querer ser o tal. Abon.: “Certa tarde, perto do bebedouro dos animais, um mulato de cara bexiguenta desfeitou um morador do São Martinho. **Cantou de galo**. Gritou que tinha padrinho, que furava um ou dois na faca antes de ser preso”. CARVALHO, José Cândido de. **Olha para o céu, Frederico!** São Paulo: Editora Três, 1974, p. 96.

CANTAR COMO GALO. Ser homem, mandar em sua casa. Abon.: “Porque nunca mais na vida dele. . . ele vai **cantar como galo**.” MARINHO, Luiz. **Viva o cordão encarnado**. Recife: Museu do Açúcar, 1969, p. 125.

CANTAR OUTRO GALO. Ter outro dono: mandar outra pessoa; ter outro chefe. Abon.: 1. “Se ele quisesse continuar com o Azambuja, ele e o pai, os dois que ficassem; mas não a Vila dos Confins, que essa não era de negócio. **Cantava lá outro galo**”. PALMÊRIO, Mário. **Vila dos Confins**. São Paulo: Editora Três, 1974, p.164.

CÃO SEM DONO. Diz-se de quem é só, no mundo; sem pai, sem mãe, sem parente, sem amigos. Abon.: “Não estou defendendo ele. Muito nos fez sofrer, a mim e a minha mãe, que era mulher de bem. E a Leonardo. Mas nem por isso quero que seja enterrado como um **cão sem dono**”. AMADO, Jorge. **Os velhos marinheiros**. 26. ed. São Paulo: Martins, 1970, p. 28.

**CAPAR O GATO.** Ir embora depressa, fugir, desaparecer. Abon.: “Depois cuidará de Coroinha, o guia, se o desenfeliz escapar da primeira rajada ou se não tiver **capado o gato**”. AMADO, Jorge. **Tocaia Grande**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1984, p. 26.

**CAROÇO NO ANGU.** - Coisa escondida com a finalidade de prejudicar. Abon.: “Quem sabe se o próprio Artur Melo não estava com segundas intenções, querendo lesar os órfãos e a viúva? Contudo, o certo é que havia **caroço** naquele **angu**.” ÉLIS, Bernardo. **O tronco**. São Paulo: Editora, Três, 1974, p. 38.

**CATUCAR O CÃO COM VARA CURTA.** Catucar, no Nordeste, é variante de CUTUCAR, e CÃO, na linguagem popular da região, é o Diabo, o Capiroto. Esta expressão popular diz respeito a quem comete qualquer ato sem que tenha as condições de fazê-lo. Abon.: “Doutor Raiz, **catucando o cão com vara** destamainho, tomou chegança na perdição”. JOSÉ NIVALDO. **Doutor Marcolino**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora/Pró-Memória/INL, 1983, p. 26.

**CHUPANDO UMA BARATA.** Necessitado, passando necessidade, ganhando pouco, num emprego reles. Abon.: “Por esse tempo encontrei em Maceió, **chupando uma barata** na Gazeta do Brito, um ve-

lho alto, magro, curvado, amarelo, de suíças, chamado Ribeiro. Via-se perfeitamente que andava com fome”. RAMOS, Graciliano. **São Bernardo** 11. ed. São Paulo: Martins, 1969, p. 91.

COM A BOCA CHEIA D'ÁGUA. Ficar com vontade. Abon.: “Fico **com a boca cheia d'água**, antecipação do gozo, da certeza de que não me embebedarei com esta bebida”. BORBA FILHO, Hermilo. **Agá**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974, p. 17.

COM A BOCA NA BOTIJA. Em flagrante; no ato. Abon.: “... a pessoa se engana com alguém e pega esse alguém **com a boca na botija**...” RIBEIRO, João Ubaldo. **Livro de Histórias**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981, p. 119.

COM A VELA NA MÃO. Diz-se de tudo que está prestes a se acabar, a morrer. Abon.: “A vida, como está, tornou-se insuportável. Tudo está acabando. Sabe a impressão que tenho, nas noites de luar, quando olho para a nossa Matriz, com a lua por cima? Que Alcântara **está com a vela na mão**. É verdade. E tenho razão, nossa cidade está morrendo”. MONTELLO, Josué. **A noite sobre Alcântara**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978, p. 170.

COM DOIS QUENTES E TRÊS FERVENDO. Diz-se quando uma pessoa está dominada pela ira. Abon.: “Dona Leonízia fez-se nas reservas da raiva e partiu na desforra, **com dois quentes e três fervendo**. Na

frente daquele vultão de mulher a zambeta passou rasteira, tão apropriada, que Dona Leonízia estendeu-se no chão, como jaca mole”. JOSÉ NIVALDO. **Doutor Marcolino**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora/Pró-Memória/INL, 1983, p. 69.

COM GOSTO DE (CABO DE) GUARDA-CHUVA NA BOCA. Diz-se de quem está com mau gosto na boca. Abons.: 1. “Desde manhãzinha, o fiscal Pim estava **com gosto de guarda-chuva na boca**. Na véspera se excedera em aperitivos e cervejinhas geladas e o fígado dera o grito de alarma”. PACHECO, Renato. **A oferta e o altar**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1983, p. 13; 2. “Dormi com Lúcia na cabeça. Acordei, madrugada feita, com a boca rançosa. Era **gosto de cabo de guardachuva**”. CARVALHO, José Cândido de. **Olha para o céu, Frederico!** São Paulo: Editora Três, 1974, p. 127.

COM O DIABO NO COURO. Endiabrado, irado, possesso; capaz de cometer qualquer desatino; fora de si. Abons.: 1. “Aí eu falei com Ludgero e mais Leôncio e Mateus e viemos para aqui ver o que havia. Tem negro que está **com o Diabo no couro**. Estão dizendo que Deodato não escapa” LINS DO REGO, José. **Fogo morto** 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1961, p. 39; 2. “Foi aí que começou a influência do Herculano. Parente da gente mas anda **com o diabo no couro**”. ASFORA, Permínio. **O amigo Lourenço**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1952, p. 82; 3. “Não sou mais senhora de deixar a casa para levar a criação para o pasto. Bas-

tião está ficando **com o diabo no couro**". RABELLO, Sylvio. **Pedro Malazarte**. Recife, 1961, p. 41; 4. "Foi Satanás quem inventou imposto. Aguardenteiro não se aprumaria mais. Os fiscais de consumo estavam **com o diabo no couro**". FRANCISCO JULIÃO. **Cachaça**. Recife: Editora Nordeste, 1951, p. 65.

COM UM OLHO NO PADRE E OUTRO NA MISSA. Com toda atenção possível; com todo cuidado; prestando atenção a duas coisas ao mesmo tempo. Abon.: "E lá se vai o menino, **um olho no padre e outro na missa**, conduzindo, com todo o cuidado, o pratinho coberto com um guardanapo tirado do fundo da mala". SOUTO MAIOR, Mário. **Como nasce um cabra da peste**. São Paulo: Arquimedes Edições, 1969, p. 20.

COMENDO-UM-GALO. Diz-se de quem está aborrecido, zangado, por qualquer motivo. Abon.: "O galo, indispensável leitor, é o símbolo da austeridade. Fulano está **comendo um galo**, costuma-se dizer de alguém que esteja passando alguma dificuldade, alguma provação". VILA NOVA, Sebastião. De presentes. **Diário de Pernambuco**, Recife, 5 jan. 1984. Opinião. p. A-7.

COMER O DIABO. Passar privações, dificuldades de toda espécie; sofrer perseguições. Abons.: 1. "Ficou ela com os filhos **comendo o diabo**". LINS DO REGO, José. **Moleque Ricardo**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1935, p. 205; 2. "Mas, quando a mulher começa a enjoar o marido, o pobre

**come o diabo.** SOUTO MAIOR, Mário. **Como nasce um cabra da peste.** São Paulo: Arquimedes Edições, 1969, p. 20.

**COMER O PÃO QUE O DIABO AMASSOU.** Ter uma vida dura; passar privações; viver com muita dificuldade. Abons.: 1. "Antigamente, certos indivíduos faziam negócios e ficavam a ver navios; outros eram pegados com a boca na botija, contavam tudo tintim por tintim e iam **comer o pão que o diabo amassou**, lá onde Judas perdeu as botas". DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. **Caminhos de João Brandão.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1970, p. 68; 2. "Eu, Teotônio Guedes, **que já comeu o pão que o diabo amassou**, não sou um ladrão". BORBA FILHO, Hermilo. **Sol das almas.** São Paulo: Editora Três, 1974, p. 57.

**COMER UMA CACHORRA INSOSSA.** Passar maus momentos, situações difíceis e desagradáveis. Abon.: "Diabo! Vocês **comeram uma cachorra insossa!**" RAMOS, Graciliano. **São Bernardo.** 11. ed. São Paulo: Martins, 1969, p. 174.

**COMO ÁGUA E AZEITE.** Pessoas e coisas que não se misturam. Abon.: "Rechacei a proposta. Que cada partido faça o seu. **Água e azeite** não se misturam. Acha que fiz bem?". MONTELLO, Josué. **A noite sobre Alcântara.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978, p. 114.

**COMO DEUS CRIOU BATATA.** Diz-se de tudo

que é fácil, que se faz com facilidade. Abon.: “Lembrou-se do homem preguiçoso e ficou com pena dele. Para compensar a invenção da preguiça no homem, Deus imaginou uma planta que ajudasse a alimentação dos preguiçosos, uma planta que não desse muito trabalho. Fez uma folha e jogou ao sabor do vento. E, quando aquela folha caiu no chão, nasceu um pé de batata-doce, que é a planta que não dá trabalho nenhum. Basta enterrar um raminho no chão fofo e pronto! Ela dá que é uma beleza. É por isso que quando uma coisa é fácil o povo diz que é como batata, que foi inventada para facilitar a vida dos homens.” SOUTO MAIOR, Mário. **Nordeste: a inventiva popular**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra; Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1978, p. 123.

COMO PEIXE FORA D'ÁGUA. Fora de seu ambiente, do seu mundo. Abons.: 1. “Caminhei para a janela e respirei a aragem que vinha do rio, com sofreguidão, abrindo a boca **como um peixe fora d'água.**” BORBA FILHO, Hermilo. **Sol das Almas**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 18; 2. “Quando pisava terras que não eram as suas ficava meio cabreiro, como um **peixe fora d'água**. O mundo do meu tio acabava nos mourões do São Martinho”. CARVALHO, José Cândido de. **Olha para o céu, Frederico!** São Paulo: Editora Três, 1974, p. 74.

CONVERSAR COM JESUS. Morrer, matar. Abon.: “Já perto da Álvaro Alvim, na porta do Serrador, deparou com alguns sujeitos, um deles seu

conhecido, deputado alagoano, famoso pelos métodos de vencer adversários tenazes, e, se não era farol, já mandara mais de trinta **conversar com Jesus**". ASFORA, Permínio. **O eminente Senador**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1973, p. 79.

CORRER BOCA. Propagação de uma notícia, de um fato qualquer. Abon.: "Na ocasião em que o piloto do Aéreo Clube presenciara a cavalgada em que já estava ficando célebre, **correndo boca** por toda região, padre Joaquim, no púlpito da igreja, nas missas de domingo, começara a esbravejar contra o que considerava uma afronta feita às famílias da cidade". BARROSO, Maria Alice. **Quem matou Pacífico?** 2. ed. Rio de Janeiro: Bruguera, 1969, p. 21.

CORRER DE CALÇAS NA MÃO. Fugir covardemente, sem enfrentar a situação, sem tomar uma atitude digna. Abon.: "Você acha então que eu devo fugir, escorraçado pela jagunçada do Chico Belo? **Correr, de calças na mão**, de um delegado desses, abandonar os meus amigos?" PALMÉRIO, Mário. **Vila dos Confins**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 190.

CORRER O RIO PARA O MAR. Na sabedoria popular, a bonança atrai a bonança, o dinheiro atrai o dinheiro. Abon.: "Pelo que ouvi dizer, de fonte segura, este nosso Major recebeu uma boa bolada do padrinho, que era podre de rico. **O rio corre para o mar**". MONTELLO, Josué. **A noite sobre Alcântara**.

Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978, p. 257.

**COSTURAR COM AS PRÓPRIAS LINHAS.** Usar os próprios meios para solucionar um problema. Abon.: “Esclarecido este ponto, o senador caruaruense, de rabo entre as pernas, voltava a confabular com os caboclos da aldeia e o jeito encontrado para solucionar o grave problema da água em Caruaru era da **costura com as próprias linhas**”. BARBALHO, Nelson. **Caruaru, cidade princesa**. Recife, 1981, p. 129.

**COZINHAR EM ÁGUA MORNA.** Enganar a quem se prometeu alguma coisa. O mesmo que **COZINHAR EM ÁGUA FRIA**. Abons.: 1. “Ao chegar ao edifício do Fórum, os oficiais de justiça, preguiçando à espera de um mandato ao vê-la, se entreolhavam e riam. O Braguinha, penalizado, murmurava: — Coitada, **cozinhada em água morna**. — Os outros não ocultavam a ironia: — Cum'é, dona Clarinda, a senhora já ganhou?” FRANÇA DE LIMA, Geraldo. **Jazigo dos vivos**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 115; 2. “Mas já resolvi com o Roxo — é para **cozinhar** essa turma **em água morna**”. PALMÉRIO, Mário. **Vila dos Confins**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 166.

## D

DA BOCA PRA FORA. O que se diz sem pensar e sem exprimir o ponto de vista de alguém sobre determinado assunto; sem sentir. Abons.: 1. "Tornava-me hipócrita propositadamente e quando chegasse o domingo lá estaria, no púlpito, falando **da boca pra fora** as palavras arrumadas durante a semana." BORBA FILHO, Hermilo. **Sol das Almas**. São Paulo: Editora Três, 1974 p. 17; 2. "Mas ficou no palavreado, a elogiar negro, a louvar **da boca pra fora** as mães pretas, alforriar escravos". FREYRE, Gilberto. **Dona Sinhá e o filho padre**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1964, p. 54; 3. "Venci a partida. Deus foi servido abrir-me a porta, compreendendo que minha danação fora **da boca pra fora**, como expediente". ALMEIDA, José Américo de. **Memórias: antes que me esqueça**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1976, p. 171; 4. "Eu sabia que Joel falava **da boca pra fora**, e que a idéia de sorvete, exposta de maneira tão súbita, e tão estranha a ele quanto a mim próprio, não lhe podia ser indiferente, e muito menos repugnante". DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. **Contos de aprendiz**. São Paulo: Editora Três, 1973, p. 30.

DA NOITE PARA O DIA. De repente; em pouco tempo; quando menos se espera. Abon.: “Em 1954, na Zona do Triângulo Mineiro, norte de São Paulo, sul de Mato Grosso e Goiás, o boiadeiro enriqueceu **da noite para o dia**”. CARRADORE, Hugo Pedro. **Contos mal contados e outros tantos**. São Paulo: Editora Parmartz, 1982, p. 65:

DAR BODE. Dar confusão, barulho, causar dificuldades. Abon.: “Não, não foi na barriga, desgraçado, você parece que inutilizou seu primo. . . isso vai **dar bode**. . .” CONY, Carlos Heitor. 1973, **Matéria de memória**. São Paulo: Editora Três, 1973, p. 29.

DAR CARTA BRANCA. Dar plena autorização. Abons.: 1. “**Dou carta branca** a qualquer um para fuçar nas minhas coisas. Qualquer dia vão inventar que tenho dinheiro enterrado nas paredes ou em algum pé de jamelão”. CARVALHO, José Cândido de. **Olha para o céu, Frederico!** São Paulo: Editora Três, 1974, p. 81; 2. “**Tenho carta branca** do dr. Quincas. Não faça cerimônias”. Idem, p. 84.

DAR-COM-O-PÉ. Em abundância; muito; em quantidade. Abon.:

“Não quero outra vida  
Pescando no rio de jereré  
Tem um peixe bom  
Tem siri-patola  
**De dá com o pé**”.

CARVALHO, Joubert de e MARIANO,

Olegário. **De dar com o pé.** Rio de Janeiro, gravação de Gastão Formenti e o conjunto de Pixinguinha, em disco RCA-Victor, 78 RPM, n.º 33469, em 28 de agosto, 1931.

DAR-NÓ-EM-PINGO-D'ÁGUA. Sem ter o que fazer; sem ter o que comer; desempregado. Abon.:

“Ando tão mal  
Que ando **dando**  
**Nó em pingo d'água**  
Só mato a sede quando choro”.  
JÚNIOR, Luiz Gonzaga. **Pois**  
**é, seu Zé.** Rio de Janeiro,  
gravação de Luiz Gonzaga  
Júnior, disco Odeon, LP n.º  
SMOFB 3832, lançado em agosto,  
1974.

DAR NO MEIO DA CANELA. Em grande quantidade, muito. Abon.: “Nos áureos tempos das dondocas e deslumbradas do Ibraim, as farras no Copacabana, onde o caviar **dava no meio da canela**, fartas das ovas do esturjão, as dondocas e deslumbradas, atiravam-nas, a desovas, aos vira-latas, à cata, nos depósitos de lixo, das sobras”. COUTO MALTA, Paulo do. **Contraste. Diário de Pernambuco**, Recife, 23/8/1983, p. A-9.

DAR NOS CALOS. Fugir, sumir. Abon.: “Foram todos procurar o velhinho impaciente na toca do

lobo. Só que o Acácio já tinha **dado nos calos**". **O Povo**. Mulher nova fez velho gemer sem sentir a gozada. Rio de Janeiro, n. 214:2, 28.10.1982.

**DAR O BOTE E ESCONDER A(S) UNHA(S)**. Agir traiçoeiramente, às escondidas, sem ser percebida a autoria. Abon.: — "Pois é como lhe digo, meu compadre. Major **dá o bote esconde a unha**. Faz tudo bem planejado. Quem está de fora pensa que ele é que é o bom. Por baixo do pano ele prossegue a trabalhar". **LE MOS**, Gilvan. **Emissários do Diabo**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 73.

**DAR O BUTE**. Bute é apelativo do Diabo no Nordeste. **Dar o bute** é ficar irado, cego de raiva, perder as estribeiras. Abon.: "Como ia dizendo, soltei-lhe um pontapé de esbagaçar a dentuça. O bicho **deu o bute**, ficou tirando fogo". **ALMEIDA**, José Américo de. **A bagaceira**, 10. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1968, p. 37.

**DAR PRÔ MUNDO**. Prostituir-se. Abon.: "Achava duro um homem, se era homem de verdade, casar com uma mulher que **deu prô mundo**". **FRANCISCO JULIÃO**. **Irmão Juazeiro**. Rio de Janeiro, 1960, p. 164.

**DAR UM CHÁ DE MÃOS POSTAS**. Matar. Abon.: "Tire este cabra da minha frente e do nosso bando, o que ele fez ao seu coronel não foi dito para ser feito neste serviço. **Dê pra ele um chá de mãos**

**postas"**. MEDEIROS, Carlézio. **Terra, pão e cangaço**. Recife: CODEVAP, 1971, p. 87.

**DAR UM PASSO MAIOR DO QUE AS PERNAS.** Fazer-se algo que esteja além das possibilidades. Abon.: "Isso sempre me lembra o perigo que é **dar um passo maior do que as pernas**". NOGUEIRA, Paulo. A vida após o tombo. **Veja**, São Paulo, n. 777: 76-78, 1983.

**DAR UM QUARTO AO DIABO.** Fazer tudo para realizar uma vontade. Abon.: "**Dava um quarto ao diabo** para contar uma pabulagem, cagar goma". RABELLO, Evandro. **O mundo de dona Finha**. Recife: Departamento de Cultura, 1969, p. 43.

**DAR UM TEMPO.** Esperar. Abon.: "O mar, hoje, não está para peixe. Acho melhor a gente **dar um tempo aqui, na areia**." Do filme **MENINO DO RIO**, de Antônio Calmon, produção de Bruno Barreto, com André de Biase, Ricardo Graça Melo, Cláudia Ohana, Cláudia Magno, 1982.

**DE BOCA EM BOCA.** Diz-se do que todos sabem, do que é do conhecimento público, do que se propaga oralmente. Abons.: 1. "Depois, como sempre vieram os **causos** de que eles gostam: velhas histórias, lendas que correm **de boca em boca**, as ingênuas mentiras que fazem o encanto tão típico daquele fabulário tapuío". PEREGRINO JÚNIOR. **Histórias da Amazônia**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 95; 2.

“Todos sabiam que o menino, tendo escapado vivo, estava oculto no grande mundo de Deus. Vago, muito vago o que se falava. Mas não bastaria para, **de boca em boca**, alcançar os ouvidos de padrinho Abílio?” FILHO, Adonias. **Corpo vivo**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 45; 3. “No dia seguinte, a queda seria comentada, crescia **de boca em boca**, a acidentada ganhava suas semanas de folga”. CONY, Carlos Heitor. **Balé branco**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969, p. 16; 4. “Essa única notícia correria **de boca em boca**, sem outros detalhes, porque os próprios soldados não tinham presenciado a confissão”. BARROSO, Maria Alice. **Quem matou Pacífico?** 2. ed. Rio de Janeiro: Bruguera, 1969, p. 247; 5. “Aquela mesma aventura do finado Mestre Chico andava **de boca em boca**, narrada como exemplo de sua coragem”. HOLANDA, Nestor de. **Jangadeiros**. Rio de Janeiro: Editora Letras e Artes Ltda., 1964, p. 138.

DE PERNAS PRO AR. Diz-se de quem vive sem fazer nada, sem trabalhar, sem responsabilidade. Abon.: “E não há pudor? E não há mais vergonha? Nesse caso, o mundo está **de pernas para o ar**”. MONTELLO, Josué. **A noite sobre Alcântara**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978, p. 44.

DE PIRES NA MÃO. Estar na miséria, vivendo da caridade pública. Abon.: “Com a exceção talvez do Senhor Barão de São Matias, que sempre foi muito seguro (só com a educação da filha em Paris é que parece ter posto dinheiro fora), os demais fidalgos

desta nossa imperial cidade estão **de pires na mão**". MONTELLO, Josué. **A noite sobre Alcântara**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978, p. 99.

DE SE TIRAR O CHAPÉU. De causar admiração, de merecer respeito. Abon.: "Este seu Rubens é mesmo **de se tirar o chapéu**. Já me tinham falado dele. E não exageraram". MONTELLO, Josué. **A noite sobre Alcântara**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978, p. 99.

DEBAIXO DE SETE CAPAS. As escondidas, em segredo. Abon.: "A primeira vez que vai à casa de uma rapariga é sempre às escondidas, **debaixo de sete capas**". SOUTO MAIOR, Mário. **Folcloroterotismo**. Recife: Edições Pirata, 1980, p. 14.

DESCER A LENHA. Espancar, criticar. Abon.: "Eles têm a missão de policiar disfarçadamente os colegas e, quando preciso, **descer-lhes a lenha** sem dar impressão de que é por ordem superior". DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. **Contos de aprendiz**. São Paulo: Editora Três, 1973, p. 64.

DESCOBRIR OS PODRES. Tornar público as más qualidades e fatos desabonadores da conduta moral de alguém. Abon.: "Nas ausências, as línguas trabalhavam livremente, criticando os próprios amigos e **descobrimo os podres**, o que havia de mais secreto". ALMEIDA, José Américo de. **Memórias: antes que me esqueça**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 107.

DIABOS ME CARREGUEM. Praga muito usada no Nordeste. Abon.: **"Diabos me carreguem se foi assim!"** RABELLO, Sylvio. **Pedro Malasarte**. Recife, 1961, p. 27.

## E

É COM DEUS. Diz-se, no Nordeste, de quem morre. Abon.: “Tampas de caçarolas abanando Dona Elvira desmaiada, numa **oira** parenta da morte. — Chama Doutor Marcolino, nas pressas, senão a mulher **é com Deus**”. JOSÉ NIVALDO. **Doutor Marcolino**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora/Pró-Memória/INL, 1983, p. 8.

EM CAIXA-PREGO (S). Cafundó, lugar muito longe. O mesmo que “cu do mundo”, “onde o vento faz a curva”, “cu de judas”. Abon.: “Gamaleão andava na **caixa-prego** o que era sempre melhor do que se tivesse batido a caçoleta”. JOSÉ NIVALDO. **Doutor Marcolino**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora/Pró-Memória/INL, 1983, p. 12.

ENCHER DE FOLHAS AS VENTAS ou ENCHER AS VENTAS DE FOLHAS. Influenciar alguém, impingindo um ponto de vista, uma opinião. Abon.: “O culpado é você... Sim, você, que anda **enchendo de folhas as vendas** daquele sem-vergonha”. RAMOS,

Graciliano. **São Bernardo**. 11. ed. São Paulo: Martins, 1969, p. 166.

ENCHER O CHIFRE. Embriagar-se. Abon.: “Um traste velho que nem eu não presta nem para tomar um trago. Já bebi, não nego; aqui mesmo já **enchi o chifre**”. ASFORA, Permínio. **Vento Nordeste**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1957, p. 26.

ENFIAR PEIDO EM CORDÃO. O mesmo que **azeitar o eixo do sol**; não ter o que fazer; não estar fazendo coisíssima alguma. Abon.: “Um bando de homens ganhando para não produzir nada, aprendendo a **enfiar peido em cordão**”. MAGALHÃES DA COSTA. **Estação das manobras**. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985, p. 24.

ENGOLIR-GATO-POR-LEBRE. Ser enganado, logrado. Abon.: “E até **engolir-gato-por-lebre** em suas letras de forma.” LEITE, Ascendino. **Os dias esquecidos**. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1983, p. 279.

ENQUANTO O DIABO LAMBE O PRATO. Num instante, num abrir e fechar de olhos. Abon.: “Foi só largar e o outro apanhar — com a mão de gato, **enquanto o diabo lambe o prato**, como dizia a falecida dona Brígida”. SALLES, Herberto. **Transcontos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974, p. 153.

ENTREGAR A PALHA COM A RAPADURA. Entregar o prato feito, tudo pronto; aceitar uma impo-

sição, de cabeça baixa, vencido. Abon.: “Contudo, tão logo recuperava o ânimo, voltava a retomar a luta. Reconhecia ser impossível amarrar a égua com os Melos e não **entregava a palha com a rapadura.**” ÉLIS, Bernardo. **O tronco.** São Paulo: Editora Três, 1974, p. 44.

ESCORREGAR NO SECO. Mentir. Abon.: “Dão gostava de **escorregar no seco** e um caso como o de Tonho Doido vinha mesmo a calhar, seria lembrado ao infinito, cada vez com um ponto novo a acrescentar”. BARBALHO, Nelson. **Caruaru, cidade princesa.** Recife, 1981, p. 92.

ESCRITO (ou ESCRITINHO) O CÃO: Igualzinho ao Cão, à figura do Cão, tal e qual o Cão, no sentido de maldade, de feiúra; igual, sem tirar nem pôr alguém, alguma coisa. Abon.: “Hem, Amaro, se eu tivesse um dente de ouro na frente, nessa altura, estava **escritinho** o Cão cagado e cuspidor, eu mesmo não me olhava no espelho, inda mais com essas corujonas piando por aí”. RIBEIRO, João Ubaldo. **Sargento Getúlio.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. p. 77.

ESTAR NAS BARATAS. Diz-se quando a mulher começa a sentir as dores do parto que, de tão fortes, lhe dão vontade de subir pelas paredes, como as baratas. Abon.: “Sabe? A comadre Dasdores **está nas baratas!**” SOUTO MAIOR, Mário. **Como nasce um cabra da peste.** São Paulo: Arquimedes Edições, 1969, p. 51.

[The text in this block is extremely faint and illegible. It appears to be a multi-paragraph document with a header and footer area.]

## F

**FALAR DE BOCA CHEIA.** Diz-se de quem se manifesta sobre algo com vaidade, orgulho, petulância. Abon.: “Que me perdoem, temos de ser desagradáveis: **falam de boca cheia**, a crise nacional para eles é tropo literário”. MATOS, Potyguar. Limites atingidos. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 237: A 9, 27/8/1983.

**FALAR PELA BOCA DOS (ou DE UM) ANJOS.** Argumentação que se faz quando se deseja ardentemente, de coração, que se realize o que a pessoa acaba de dizer. Abons.: 1. “Ah, se o doutor **falasse pela boca de um anjo!**” MONTE ALEGRE, Omar de. **Vila de Santa Luzia**. Rio de Janeiro: Editora Vecchi Ltda., 1939, p. 146; 2. “Se todos fossem assim — aprovou o Turíbio — havia mais amor à nossa terra. — O amigo **falou pela boca dos anjos**. É assim que eu penso. Penso e ponho em prática: O Brasil em primeiro lugar”. MONTELLO, Josué. **A noite em Alcântara**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978, p. 172.

**FAZER-A-CABEÇA.** Convencer alguém; fazer com que alguém aceite uma maneira de ser, de pensar, de agir. Abon.: "... Nem, tampouco, do comodismo de quem descobriu fórmulas vendáveis a um público sem gosto e, portanto, dócil às espertezas de qualquer oportunista que lhe **faça a cabeça.**" VILA NOVA, Sebastião. Um pintor de solidões. **Diário de Pernambuco**, Recife, 17 nov. 1983. Opinião, pág. A-7.

**FAZER BOCA DE SIRI.** Não falar; não contar nada; fazer segredo. Abon.: "Para João, tudo é a sério, inclusive o sério, quanto mais um cavalo mágico. Fez **boca de siri** e aguardou a hora da meia-noite que apavora." DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. **Caminhos de João Brandão.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1970, p. 6.

**FAZER CASA COM PAU BICHADO.** Fazer as coisas mal feitas, sem lógica. Abon.: "... agora, o boato é que os democratas estão se aproximando dos liberais para acabarem com a gente. Nessa confusão toda, sobram apenas os mais duros, que ninguém é bobo de **fazer casa com pau bichado**". PALMÉRIO, Mário. **Vila dos Confins.** São Paulo: Editora Três, 1974, p. 33.

**FAZER DE UM TUDO.** Diz-se de quem é capaz de fazer diversos trabalhos diferentes. Abon.: "Bem... **faço de um tudo.** Trabalho de ama e também brinco de pastora". MARINHO, Luiz. **Viva o cordão encarnado.** Recife: Museu do Açúcar, 1969, p. 69.

**FAZER** (de alguém) **GATO E SAPATO**. Diz-se do ato de uma pessoa dominar outra e dela fazer o que bem entender. Abon.: “A puta da cigana o enfeiticou, **fizera** dele **gato e sapato** para depois ganhar o mundo levando o dinheiro...” **AMADO**, Jorge. **To-caia Grande**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1984. p. 102.

**FAZER PAPEL DE BESTA**. Prestar-se, alguém, para passar por idiota, tolo. Abon.: “E que **papel de besta** nós estamos **fazendo?**” **MARINHO**, Luiz. **Viva o cordão encarnado**. Recife: Museu do Açúcar, 1969, p. 54.

**FICAR A COISA PRETA**. Tornar-se ou ficar a situação difícil. Abons.: 1. “O nome do filho pode resultar de uma promessa feita ao santo da devoção da parturiente, promessa feita antes do parto, para que tudo corra bem, e até mesmo na hora do parto quando, às vezes, **a coisa fica preta**”. **SOUTO MAIOR**, Mário. **Nomes próprios pouco comuns**. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974, p. 23; 2. “Quando **as coisas ficavam pretas**, o jumento substituiu o muar por ser mais forte e mais sóbrio”. **ALMEIDA**, José Américo de. **Memórias: antes que me esqueça**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 52.

**FICAR CHEIO DE DIREITOS**. Ficar cheio de vontades, pensando ser o centro de todas as atenções, exorbitando. Abon.: “O primeiro, entretanto, a sentir essas modificações é o filho mais novo, o caçula, que

deixa de ser o alvo de todas as atenções para ceder seu lugar ao esperado que **fica cheio de direitos**, mesmo antes de haver chegado”. SOUTO MAIOR, Mário. **Como nasce um cabra da peste**, São Paulo: Arquimedes Edições, 1969, p. 22.

FICAR CHUPANDO O DEDO. Com cara de idiota, logrado. Abon.: “Carvalho deixaria os homens irem para o Açude na suposição de que ele, Artur, ia apresentar-se e no fim **ficaria chupando o dedo**. Quiá, quiá, quiá!”. ÉLIS, Bernardo. **O tronco**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 126.

FICAR DE BOCA MOLE. Ficar velho. Abon.: “Uma coisa que não existe é Getúlio velho, só existe Getúlio homem inteiro, não posso **ficar de boca mole**, falando porque no meu tempo isso, no meu tempo aquilo”. RIBEIRO, João Ubaldo. **Sargento Getúlio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 83.

FICAR NO CANTO. Situação em que fica o filho mais novo de um casal quando nasce outro irmãozinho que lhe toma o lugar na beira da cama de casal, passando para o canto da cama, relegado a um segundo plano. Abon.: “O primeiro, entretanto, a sentir essas modificações é o filho mais novo, o caçula, que deixa de ser o alvo de todas as atenções para ceder seu lugar ao esperado que fica cheio de direitos, mesmo antes de haver chegado. É o povo de casa que começa a dizer que ele vai **ficar no canto**.” SOUTO MAIOR, Mário. **Como nasce um cabra da peste**. São Paulo: Arquimedes Edições, 1969, p. 22.

**FICAR-NO-ESCURO.** Diz-se de um acontecimento, de um negócio, de tudo que não cai no domínio público, sem ninguém saber. Abon.: “Por que é que a coisa **ficou** assim **no escuro**, sem ninguém saber de nada?” PALMÉRIO, Mário. **Vila dos Confins**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 143.

1. The first step in the process of identifying a problem is to recognize that a problem exists. This involves observing the current situation and comparing it to the desired state. Once a problem is identified, the next step is to define the problem clearly and specifically. This includes identifying the scope of the problem, the stakeholders involved, and the resources available. The third step is to analyze the problem to determine its causes and effects. This involves gathering data, identifying patterns, and testing hypotheses. The fourth step is to generate potential solutions and evaluate them based on their feasibility, effectiveness, and cost. The final step is to implement the chosen solution and monitor its progress to ensure it effectively addresses the problem.

## I.

IR A VACA PARA O BREJO. Botar tudo a perder. Abon.: “Se vier o tal do delegado militar, então é que **a vaca vai mesmo para o brejo**. . . Gente da roça tem medo de soldado, doutor. No dia da eleição só aparecem para votar os eleitores deles. . .” PALMÉRIO, Mário. **Vila dos Confins**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 27.

IR COBRIR O PILÃO. Esquecer as mágoas. Abon.: “— Escuta, Cardinale, afinal você não morreu. Por dentro não houve dano, as orelhas estão aí nos seus lugares. Vamos **cobrir o pilão**, sacudir as mágoas”. FRANÇA DE LIMA, Geraldo. **Jazigo dos mortos**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 15.

IR VER A COR DA CHITA. Tomar conhecimento da verdade, do fato como ele realmente é. Abon.: “Nesse meio tempo Artur poderia articular-se com Gonzaga Jaime, Brás Abrantes, no Rio; com Antônio Albino e outros em Barreiras. Aí João Alves ia **ver a cor da chita**”. ÉLIS, Bernardo. **O tronco**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 126.

## J

**JUNTAR AS CANELAS.** Morrer. Abon.: “Ernesto, subitamente chefe da casa, e já que o irmão, como acabavam de saber **juntara** longe **as canelas**, sem o calor da família, tivesse exéquias, com casa no meio da nave, rodeada de tochas, incenso e cantos”  
**FRANÇA DE LIMA, Geraldo. Jazigo dos Vivos.** São Paulo: Editora Três, 1974, p. 17.

## L

LAMBER UMA RAPADURA. Fazer economia. Abon.: "E para quem falasse do Padrinho chegaria o tempo de correr ao Joazeiro **lambendo uma rapadura.**" FRANCISCO JULIÃO. **Cachaça.** Recife: Editora Nordeste, 1951, p. 45.

LEVAR DESAFORO PARA CASA. Acovardar-se, não reagir, não ser homem. Abons.: 1. " — O covarde fugiu. . . **Desaforo para casa,** filho de meu pai não **leva.** . . ." PACHECO, Renato. **A oferta e o altar.** 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1983, p. 15; 2. "Sabiam que Mestre Joaquim, homem direito, agarrado a princípios respeitáveis, adquiria toda aquela agilidade do mar, quando perdia a calma. Só perdia a calma quando o atingiam em seus pontos de vista, na devoção pela família, no respeito ao lar. **Não levava desaforo para casa**". HOLANDA, Nestor de. **Jangadeiros.** Rio de Janeiro: Editora Letras e Artes, 1964, p. 45.

LEVANTAR O TEMPO. Melhorar o tempo; deixar de chover. Abon.: "E uma manhã, sem se despedir

de ninguém, arrumou tudo no lombo dos animais e fez-se de viagem. Chovia muito. Não esperou sequer que o **tempo levantasse**, que o sol botasse o olho de fora”. FRANCISCO JULIÃO. **Cachaça**. Recife: Editora Nordeste, 1951, p. 47.

## M

**MAIS MORTO(A) DO QUE VIVO(A).** Cansado, em situação difícil, envergonhado, às portas da morte. Abon.: “A pobre da Zulmira despencou escada abaixo, **mais morta do que viva**, tão nervosa que havia enfiado o vestido pelo lado do avesso, e sempre acompanhada pelos gritos de papai e mamãe, que juravam dar-lhe uma lição”. MONTELLO, Josué. **A noite sobre Alcântara.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978, p. 83.

**MATA O VELHO, MATA!** Locução popular usada num programa de televisão (**Viva o gordo**, de Jô Soares) e que já caiu no domínio público. Diz-se do homem idoso quando vê uma mulher jovem, bonita, bem feita e sex.

**MIJAR NOS PÉS.** Estar o homem sexualmente impotente. Abon.: “E por que esse ciúme? O velhinho está **mijando nos pés** há muito tempo”. ASFORA, Permínio. **Bloqueio.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1972, p. 60.

**MISTURAR AS ÁGUAS.** Unirem-se pessoas de partidos políticos, de opiniões e famílias diferentes. Abon.: “— É verdade, é verdade — confirmou o Visconde. — Sou contra. Inteiramente contra. Não **misturamos as águas**. Uma coisa é o Partido Liberal; outra coisa, o Partido Conservador: **Cabanos** de um lado; **bem-te-vis** do outro”. MONTELLO, Josué. **A noite sobre Alcântara**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978, p. 109.

**MOLHAR O GANSO.** Ter relações sexuais, copular. Abon.: “**Molhou o ganso** na própria filha”. **O Povo**. Rio de Janeiro: n. 214:3, 28.10.1982.

**MORRE-NÃO-MORRE.** Diz-se que está já morrendo, prestes a morrer, nas últimas. Abon.: “... O Lobo, um traste de dar pena, com o baço do tamanho de uma melancia, **morre-não-morre** da maleita sem mais jeito.” PALMÉRIO, Mário. **Vila dos Confins**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 35.

## N

**NA HORA DA PORCA TORCER O RABO.** No momento difícil, preciso, de alguém mostrar seu valor, suas qualidades. Abon.: “Vivia matando os pobres, metendo o pirai neles, mas **na hora da porca torcer o rabo**, o desgraçado se borrou. Caiu no chão de joelhos, pedindo pelo amor de Deus a gente deixasse ele vivo!” ÉLIS, Bernardo. **O tronco.** São Paulo: Editora Três, 1974, p. 166.

**NÃO DAR CAFÉ NEM DOCE.** Diz-se do homem sexualmente impotente, **broxa**. Abon.: “A mulher desse vadiava com muitos, perdera o preceito: — Respeitar? Ele não **dá nem café nem doce**” GUIMARÃES ROSA, João. **Noites do sertão**, 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1965, p. 20.

**NÃO DIZER NEM QUE SIM NEM QUE NÃO.** Não se definir; não aprovar e nem desaprovar. Abon.: “ — Com filho, não se tem força. Pedi ao Natalino que deixasse o Dr. Carlos em paz. Ele **não disse nem que sim nem que não**”. MONTELLO, Josué. **A noite sobre Alcântara.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978, p. 166.

**NÃO SER FLOR QUE SE CHEIRE.** Não ser boa gente, gente que mereça. Abon. "Artur o livraria da morte certa, que os cunhados **não eram flor de cheirar**". ÉLIS, Bernardo. **O tronco.** São Paulo: Editora, Três, 1974, p. 127.

**NÃO TER UM PÉ DE PESSOA.** Não ter ninguém. Abon.: "O guia abanou a cabeça: **Não tem um pé de pessoa no rancho**". SALLES, Herberto. **Além dos Marimbus.** Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1961, p. 71.

**NÃO TIRAR O NOME DA BOCA.** Falar sempre lembrar sempre uma pessoa. Abon.: "Queria tanto bem a vocês todas! Não se esquece de nenhuma. Mas cuidado que se lembra mais de todas da defunta. Só queria que você estivesse vendo! **Não tira o nome dela da boca.**" FONTES, Amando. **Os corumbas.** São Paulo: Editora Três, 1974, p. 179.

**NÃO (ou NEM) TREP A E NEM (ou NÃO) SAI DE CIMA.** Diz-se das pessoas que, por indecisão ou por pirraça, atrapalham a vida e os negócios dos outros; que não fazem o que deveriam fazer e nem deixam que os outros façam. Abon.: "Como moça solteira, rica e de família importante, ainda mais com aquele palerma de padrinho que, na maior justeza das palavras, **não trepa, porque não pode, e não sai de cima** porque é vaidoso, egoísta e, sobretudo não quer". SANTOS, João Felício dos. **Benedita Torreão da Sangria Desatada.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, p. 97.

**NÃO VALER O QUE O GATO ENTERRA.** Não ter o menor valor. Abon.: "**Não vale o que o gato enterra.** O que ele quer (sei eu perfeitamente) é **passar o lápis na menina e dar o fora.**" MONTELLO, Josué. **Uma tarde, outra tarde.** São Paulo: Martins, p. 25.

**NÃO VALER O QUE O (ou UM) PERIQUITO RÓI.** Não ter, absolutamente, nenhum valor. Abon.: "Bó-bagem! S. Bernardo **não vale o que um periquito rói.** O Pereira tem razão. Seu pai esbagaçou a propriedade". RAMOS, Graciliano. **São Bernardo.** 11. ed. São Paulo: Martins, 1969, p. 74.

**NÃO VALER UM TOSTÃO FURADO.** Diz-se de tudo que não tem valor. Abon.: "Política é coisa de quem não tem vergonha. Política, pra mim, **não vale um tostão furado**". CHICO ANÍSIO. Inimigo Político. **O Diário,** Piracicaba, (SP), 13.11.1983, p. 16.

**NÃO VALER UM VINTÉM DE MEL COADO.** Não ter nenhum valor. Abon.: "Pra que cortá seringa? Borracha **não vale um vintém de mel coado...**" PEREGRINO JÚNIOR. **Histórias da Amazônia.** São Paulo: Editora Três, 1974, p. 138.

**NÃO VALER UM VINTÉM FURADO.** Diz-se de quem não tem valor nenhum, moral; e das coisas que não tem nenhum valor econômico. Abon.: "... negras que **não valem um vintém furado,** não senhor!" FELÍCIO DOS SANTOS, João. **Benedita Torreão da Sangria Desatada.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, p. 64.

**NEM MAS, NEM PORÉM.** De maneira alguma, por hipótese alguma. Abon.: “— Com preto, minha filha não casa. . . — Vem cá, Bentinho, ele é só mulato, e muito bem-posto na vida. . . — **Nem mas nem porém. . .**” **PACHECO, Renato. A oferta e o altar** (3. ed.). São Paulo: Editora, Ática, 1983, p. 36.

**NO CU DO MUNDO.** Lugar bem longe e atrasado. Abon.: “Agreste não é São Paulo, é o **cu do mundo**, parou no século passado”. **AMADO, Jorge. Tieta do Agreste.** Rio de Janeiro: Record 1977, p. 218.

## O

O DIABO É QUE... Expressão que significa dúvida, desânimo, azar, quando nada dá certo. Abon: "**O diabo é que** fui cair logo em certo lugar da Mancha, na garupa de Rocinante". ALBUQUERQUE, Sérgio. Irene. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974, p. 21.

O DIABO ME CARREGUE SE (eu fiz, eu disse, eu fui, etc.) Espécie de reforço à palavra empenhada. Abon.: "**Diabos me carreguem se** foi assim." RABELLO, Sylvio. Pedro Malazarte. Recife, 1961, p. 27.

O DIABO NÃO PODE PREGAR SERMÃO. Diz-se de quem não pode dar o que não tem nem ser o que realmente não é. Do bom, só se espera bondade e, do mal, maldade. Abon.: "Albertina recebia com gargalhadas os seus conselhos. Chamava-lhe velha coroca. Dizia-lhe que **o diabo não pode pregar sermão**". FONTES, Amando. Os corumbas. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 123.

O QUE DIABO FOR. O mesmo que SEJA LÁ O

**QUE FOR.** Qualquer pessoa ou coisa que seja, aconteça, etc. Abon.: “Estou nesta comarca há seis meses e não demoro mais uma semana. Vou entrar de férias, pedir substituto ou **o que diabo for**”. CAMPOS, Maximiano. **Sem lei nem rei.** Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1965, p. 33.

**O QUE É BOM PRA TOSSE.** Revidar; dar um corretivo; tomar uma medida em represália a uma afronta sofrida. Abon.: “Que eu vou então mostrar ao cabra — ah! vou mesmo! — o que **que é bom** pra tosse”. MAGALHÃES DA COSTA. **Estação das manobras.** Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985, p. 22.

**O QUE LUZIA PERDEU NA CAPOEIRA.** A virgindade. Abon.: “Se subir com o pé direito, já é mulher e não tem mais **o que Luzia perdeu na capoeira**”. SOUTO MAIOR, Mário. **Folclorerotismo.** Recife: Edições Pirata, 1980, p. 22.

**OLHAR O FUNDO DO COPO.** Ingerir bebidas alcólicas. Abon.: “O difícil para quem bebe é saber beber, é conhecer quando é chegado o momento exato de parar de **olhar o fundo do copo**”. SOUTO MAIOR, Mário. **Dicionário Folclórico da Cachaça.** 3. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1985, p. 24.

**OLHAR POR UMA JANELINHA DE VIDRO.** Ingerir bebidas alcoólicas. Abon.: “Será que o ato de beber é um problema dos dias em que vivemos? Não. **Olhar por uma janelinha de vidro** é um costume tão

antigo como a política, a guerra, o amor, a prostituição". SOUTO MAIOR, Mário. **Dicionário folclórico da cachaça** (3ª ed.). Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1985, p. 23.

O MAR NÃO ESTÁ PRA PEIXE. 1) O mar está agitado; não está bom nem para peixe; 2) As coisas não estão ou não andam boas. Abon.: "**O mar, hoje, não está pra peixe.** Acho melhor a gente dar um tempo aqui, na areia." Do filme **Menino do Rio**, de Antônio Calmon, produção de Bruno Barreto, com André de Biase, Ricardo Graça Melo, Cláudia Ohana, Cláudia Magno, 1982.

ONDE O DIABO PERDEU A BOTA. Lugar ermo, distante, desconhecido. Abon.: "Isto é o lugar **onde o diabo perdeu a bota!**" PEREGRINO JÚNIOR. **Histórias da Amazônia**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 248.

the 1950s, the 1960s, and the 1970s. The 1950s were a time of relative stability and growth, while the 1960s and 1970s were marked by significant social and economic changes. The 1950s saw a period of post-war boom, with a strong economy and a focus on consumer goods. The 1960s were characterized by the Vietnam War, the civil rights movement, and the space race. The 1970s were a decade of economic challenges, including stagflation and the oil crisis, as well as continued social movements.

The 1950s were a time of relative stability and growth, with a strong economy and a focus on consumer goods. The 1960s were marked by significant social and economic changes, including the Vietnam War, the civil rights movement, and the space race. The 1970s were a decade of economic challenges, including stagflation and the oil crisis, as well as continued social movements.

The 1950s saw a period of post-war boom, with a strong economy and a focus on consumer goods. The 1960s were characterized by the Vietnam War, the civil rights movement, and the space race. The 1970s were a decade of economic challenges, including stagflation and the oil crisis, as well as continued social movements.

The 1950s were a time of relative stability and growth, with a strong economy and a focus on consumer goods. The 1960s were marked by significant social and economic changes, including the Vietnam War, the civil rights movement, and the space race. The 1970s were a decade of economic challenges, including stagflation and the oil crisis, as well as continued social movements.

## P

**PARA O QUE DER E VIER.** Diz-se quando alguém recebe a incumbência de executar uma missão de qualquer maneira, aconteça o que acontecer, contanto que ela seja executada. Abons.: 1. “Mas que fossem armados e dispostos — Benedita frisou — **pro que desse e viesse**”. SANTOS, João Felício dos. **Benedita Torreão da Sangria Desatada**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, p. 156; 2. — “Ora viva — saudou-o o Mané Pequeno, dono do boteco. — Estou aqui **para o que der e vier.**” PACHECO, Renato. **A oferta e o altar**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1983, p. 40.

**PARTIR O BOLO DO CÉU.** “Merecer o prêmio da fidelidade conjugal. Dizem os sertanejos que o Dia de Juízo, haverá um grande bolo no céu e desse bolo só terão direito de se servir os maridos que não hajam prevaricado”. MOTA, Leonardo. **Viroleiros do Norte**. 3. ed. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

**PASSAR NO PAPO.** Deflorar, manter relações

sexuais. Abon.: “O coronel Machado tinha um filho perverso e malvado que se chamava Julião, acostumado a **passar no papo** as filhas mais bonitas dos moradores do lugar.” SOUTO MAIOR, Mário. **Antônio Silvino: capitão de trabuco**. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 1971, p. 92.

PASSAR O LÁPIS. Ter relações sexuais. Abon.: “Não vale o que o gato enterra. O que ele quer (sei eu perfeitamente) é **passar o lápis** na menina e dar o fora.” MONTELLO, Josué. **Uma tarde, outra tarde**. São Paulo: Martins, p. 257.

PASSAR UM RABO DE OLHO. Olhar rapidamente, sem ninguém ver, olhar de soslaio. Abon.: “Sorri para disfarçar, **passando um rabo de olho** em Carminha”. JARDIM, Luís. **Maria Perigosa**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 122.

PEGAR TREM EM MOVIMENTO. Diz-se da mulher que trai o marido. Abon.: “Esta era bonita e, ao que se comentava, longe da ribalta, **pegava trem em movimento**, isto é, traía o dito cujo, se virando em cama alheia”. BARBALHO, Nelson. **Caruaru, cidade princesa**. Recife, 1981, p. 137.

PELAR UM PATO. Ganhar de um tolo, de um parceiro que não sabe jogar ou de uma pessoa que pouco entende de determinado assunto. Abon.: “Quincas, passando giz no taco foi à porta e falou pra fora: — Espera um pouco, minha filha, estou acabando de

**pelar um pato."** BORBA FILHO, Hermilo. **Sol das almas.** São Paulo: Editora Três, 1974, p. 167.

**PÔR AS MANGAS DE FORA.** Mostrar-se, a pessoa, quem realmente ela é. Abon.: "— De vez em quando alguém se esquece disso, sabe? E **põe as mangas de fora** de novo. É sempre bom ter cuidado." SALLES, Herberto. **Além dos marimbus.** Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1961, p. 175.

**PÔR (ou COM) AS UNHAS DE FORA.** Diz-se de quem começa a fazer seu verdadeiro jogo. Abon.: "No vizinho Estado, Zé Lins, com **as unhas de fora**, no precipitado prefácio atraía a atenção dos inconformistas para o expoente da poesia sem métrica, rima e hesmistíquio". COUTO MALTA, Paulo do. O outro Jorge. **Diário de Pernambuco**, Recife, n. 241: A9, 31/8/1983.

**POR UMA SÓ BOCA.** Quando todo povo tem conhecimento, sabe de um fato. Abon.: "Um dia Norato aparece morto e **por uma só boca** o povo dizia que o matador fora Calixto Chapadense". ÉLIS, Bernardo. **O tronco.** São Paulo: Editora Três, 1974, p. 39.

**PUXAR TERRA PARA OS PÉS.** Trabalhar com enxada, na agricultura. Abon.: "Por que não? Capiño, **puxo terra para os pés**, tiro leite de vaca. Aí vem. O senhor não vai me mandar embora, vai?" LEMOS, Gilvan. **Emissários do Diabo.** São Paulo: Editora Três, 1974, p. 16.

the fact that the *de novo* synthesis of cholesterol is inhibited by the presence of cholesterol in the diet. The synthesis of cholesterol is inhibited by the presence of cholesterol in the diet.

The synthesis of cholesterol is inhibited by the presence of cholesterol in the diet. The synthesis of cholesterol is inhibited by the presence of cholesterol in the diet. The synthesis of cholesterol is inhibited by the presence of cholesterol in the diet.

The synthesis of cholesterol is inhibited by the presence of cholesterol in the diet. The synthesis of cholesterol is inhibited by the presence of cholesterol in the diet. The synthesis of cholesterol is inhibited by the presence of cholesterol in the diet.

The synthesis of cholesterol is inhibited by the presence of cholesterol in the diet. The synthesis of cholesterol is inhibited by the presence of cholesterol in the diet. The synthesis of cholesterol is inhibited by the presence of cholesterol in the diet.

The synthesis of cholesterol is inhibited by the presence of cholesterol in the diet. The synthesis of cholesterol is inhibited by the presence of cholesterol in the diet. The synthesis of cholesterol is inhibited by the presence of cholesterol in the diet.

The synthesis of cholesterol is inhibited by the presence of cholesterol in the diet. The synthesis of cholesterol is inhibited by the presence of cholesterol in the diet. The synthesis of cholesterol is inhibited by the presence of cholesterol in the diet.

## Q

**QUANDO O DIABO NÃO VEM MANDA O SECRETÁRIO.** Diz-se quando as pessoas aparecem nos momentos inoportunos, causando transtornos, confusão. Abon.: “Já se viu mulher ter querer, onde já se viu? **Quando o diabo não vem manda o secretário**”. RIBEIRO, João Ubaldo. **Sargento Getúlio.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971, p. 7.

**QUEBRAR A CABEÇA.** Ter dificuldades para resolver qualquer problema, qualquer situação difícil. Abon.: “Se nada ficar acertado e para não desgostar ninguém, batizarão o menino como José, que é nome de pobre e de quem não quer **quebrar a cabeça**.” SOUTO MAIOR, Mário. **Como nasce um cabra da peste.** São Paulo: Arquimedes Edições, 1969, p. 73.

**QUEBRAR-SE O PAU NAS COSTAS.** Diz-se de quem paga sozinho o que foi cometido por várias pessoas conjuntamente. Abon.: “Vejam como são as coisas! O **pau terminou se quebrando nas costas** do cabo Nestor!” MARINHO, Luiz. **Viva o cordão encarnado.** Recife: Museu do Açúcar, 1969, p. 67.

**QUE DIABO.** A razão de; o motivo pelo qual; o significado. Abons.: 1. "Eu não sei **que diabo** quer preta com branco." BEZERRA, João Clímaco. **Não há estrelas no céu.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1948, p. 120; 2. "Não estou entendendo nada, Jeo. **Que diabo** está acontecendo hoje com você?" CONDÉ, José. **Pensão Riso da Noite: Rua das Mágoas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p. 173; 3. "Prócer, o **que diabo** é? Essas palavras estrangeiras, sabe, têm umas coisas que ignoro." AMADO, Jorge. **Tereza Batista cansada de guerra.** São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972, p. 83.

**QUE SÓ O CÃO.** Comparação de tudo que é muito ruim, muito feio, etc. Abon.: "Morrer! E aquilo morre assim, com duas pisadas? Aquilo é ruim **que só o cão.**" MARINHO, Luís. **Um sábado em 30.** Recife: Imprensa Universitária, 1969, p. 20.

**QUERER QUIABAR.** Diz-se de quem quer voltar atrás de um negócio já feito, de uma palavra já empenhada. Abon.: "Não é que o bandido **quis quia-bar**, depois que o gado já se achava nos seus pastos, o negócio feito e acabado?" PALMÉRIO, Mário. **Vila dos Confins.** São Paulo: Editora Três, 1974, p. 141.

## R

RABO DE OLHO. Olhar disfarçadamente e bem rápido. Abon.: "**Com o rabo de olho**, Vanda espiou o morto. Lá estava ele sorrindo, achando tudo aquilo infinitamente engraçado." AMADO, Jorge. **Os velhos marinheiros**, 26. ed. São Paulo: Martins, 1970, p. 25.

RASPAR O FUNDO DAS GAVETAS. Gastar as economias, até o último centavo. Abon.: "Mas ainda bem que, nas horas decisivas, temos nobreza bastante para abrir a burra e **raspar o fundo das gavetas**". MONTELLO, Josué. **A noite sobre Alcântara**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978, p. 99.

REMAR CONTRA A CORRENTEZA (ou CONTRA A MARE). Ser contra a opinião geral, de todos, da maioria. Abon.: "Clarinda, no entanto, a sobrinha querida. Jamais a abandonou. Nem a abandonaria. Não parava, todavia, na tentativa de ser-lhe útil: — Não **reme contra a correnteza**". FRANÇA DE LIMA,

Geraldo. **Jazigo dos vivos**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 98.

ROER TAMPA DE PENICO. Sem ter o que comer; passando privações. Abon.: "... ficara em Paris, **roendo tampa de penico** na folclórica expressão do triunfante Venturinha." AMADO, Jorge. **Tocaia Grande**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1984, p. 452.

## S

**SABER ONDE O CALO APERTA.** Cada um sabe de suas dificuldades, de seus problemas. Abon.: “— Obrigado, Barão. Mas eu é que **sei onde o calo me aperta**”. MONTELLO, Josué. **A noite sobre Alcântara.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978, p. 115.

**SEM PÉ NEM CABEÇA.** Sem sentido, sem começo nem fim. Abons.: 1. “Às vezes o bom senso me puxava as orelhas: — Baixa o fogo, sendeiro. Isso não tem **pé nem cabeça**.” RAMOS, Graciliano. **São Bernardo.** 11. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1969, p. 209; 2. “Foi a primeira com essas queixas **sem pé nem cabeça**, sem jeito, sem modo.” JOSÉ NIVALDO. **Doutor Marcolino.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora Pró-Memória/INL, 1983, p. 21.

**SER ÁGUA-MOLE.** Diz-se de quem é alesado, não tem iniciativa, acomodado. Abon.: “Estou cansado de saber, Antero. Mas, se o Bernardino **fosse um água-mole**, nem prosa com ele os liberais queriam.” PAL-

MÉRIO, Mário. **Vila dos Confins**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 33.

SER BOCA MOLE. I. Idiota, abobalhado; II. Delator. Abon.: “Se for **boca mole** é capaz de dar crepe”. **Jornal da Tarde**. São Paulo, 3/06/1969, p. 12.

SER FILHO DE PADRE. Diz-se de quem tem muita sorte em tudo que se mete, negócios, mulheres, tudo. Abon.: “Cabra estourado! Só **sendo filho de padre!**” MARINHO, Luiz. **Viva o cordão encarnado**. Recife: Museu do Açúcar, 1969, p. 79.

SER O CÃO. Expressado de múltiplas aplicações, de revolta, admiração, entusiasmo, censura, dificuldade. Abon.: “Moça do mato é o **cão!**” PAIVA, Manuel de Oliveira. **Dona Guidinha do poço**. São Paulo, 1951, p. 125.

SER UM PÉ-RAPADO. Ser um pobretão; nada ter de seu. Abon.: “Eu rompi com minha família, para me casar com o Nicanor, compadre. Você sabe que o Nicanor **era um pé-rapado**, sem eira nem beira. Vendi minhas jóias, para ele abrir a loja, na Praia do Jacaré”. MONTELLO, Josué. **A noite sobre Alcântara**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978, p. 221.

SIM, SIM; NÃO, NÃO. Exigência de decisão. Abon.: “Mereço ou não mereço, seu João, um fiadinho besta? Precisa de tanto tempo pra se dedicar por um tostão? Me despache. **Sim, sim; não, não!** falou o

homem que galopava, cortando o pensamento do vendeiro”. JARDIM, Luís. **Maria Perigosa**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 169.

**SER O CÃO DO SEGUNDO LIVRO.** Nas décadas de 20 e 30 o **Primeiro e o Segundo Livro de Leitura** de Felisberto de Carvalho eram, como a **Série Braga**, livros adotados nas escolas primárias brasileiras. Mas era justamente no **Segundo Livro de Leitura** que os meninos daquela época se deparavam, a páginas tantas, com o desenho do Cão — como é mais conhecido o Diabo, Satanás, o Demônio no Nordeste brasileiro. Era uma figura terrível, de chifre, de cauda, cuspidor de fogo e empunhando um tridente, figura que causava medo na época em que tudo ou quase tudo que se fazia era pecado e ainda existia o inferno. Daí, a expressão popular **ser o cão do segundo livro** com dois significados diferentes: a) como sinônimo de feio; b) fazendo as vezes de **danado**, de bom, como superlativo na frase “Era danado de inteligente”, isto é, muito inteligente, ou muito brabo, valente, bom em jogo de carta, em futebol etc. Abon.: “Mas, o homem é o **cão do segundo livro** em cálculos matemáticos, nessa história de máquinas, engrenagens”. OLIVEIRA, José do Patrocínio. Quer seu lugarzinho ao sol um inventor pernambucano. **Diário da Noite**. Recife, 14.1.1954.

**SOFRER O DIABO.** Sofrer muito; suportar horrores, privações, perseguições etc. Abon.: “Família para Lula era coisa sagrada. Fora infeliz com o pai,

**sofrera o diabo** com a mãe viúva, perseguida pela polícia.” LINS DO REGO, José. **Fogo morto** 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1961, pp. 295-296.

SOLTO NA BURQUEIRA. Ao bel prazer, com êxito, à vontade; de quem está com tudo a seu dispor. Abon.: “Andaram **soltos na buraqueira**, apurando às pampas, ganhando fama de especiais, em futuração de comprar fazenda e ser coronéis”. JOSÉ NIVALDO. **Doutor Marcolino**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora/Pró-Memória/INL, 1983, p. 27.

SÓ TER BOCA. Diz-se de quem é brabo somente discutindo, mas sem coragem de brigar. Abon.: “Augusto, sabes como ele é: por um dez-réis é capaz de matar os próprios filhos; Sinhô, cheio de fanfarrice, de pabulagem, **só tem boca**.” LEMOS, Gilvan **Emisários do Diabo**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 69.

SOSSEGA, LEÃO!

“Vestiu uma camisa listrada e saiu por aí.

Em vez de tomar chá com torrada

Ele bebeu parati.

Levara o canivete no cinto

E um pandeiro na mão

E sorria quando o povo dizia

**Sossega leão, sossega leão”!**

VALENTE, Assis. **Camisa listrada** — Rio de Janeiro: gravação de Carmen Miranda, Disco Odeon, 78 RPM n.º 11.530, setembro, 1937.

Advertência de calma. É necessário estabelecer a diferença existente entre **sossega-leão** e **sossega, leão**, com uma vírgula substituindo o hífen da primeira grafia. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (**Novo dicionário da língua portuguesa**, [1ª ed., 2ª imp.]. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975, p. 1336) apenas registra a primeira grafia, isto é, **sossega-leão**, com hífen, significando: 1. “Gradil quadrado onde se põe a criança de idade tenra com o objetivo de assegurar-lhe proteção” (brasileirismo cearense); 2. “Bonde fechado (brasileirismo baiano)”. Afirma Paulo Cavalcanti (**Eça de Queiroz, agitador no Brasil**, 3. ed. Recife: Editora Guararapes, 1983, p. 11) que “Expressões de sabor popular como **ora, sebo!, Venha de lá esse abraço! Venha de lá esses ossos! De arromba!, Sossega, leão!** O Romancista (Eça de Queiroz) as criou, inovadoramente, como recurso à necessidade de harmonizar a forma e o conteúdo no pitoresco da frase”.

SUSTENTAR A-PÃO-DE-LÓ. Tratar bem, sem nada faltar a alguém. Abon.: “Os antigos sabiam disso, os antigos e os governos socialistas que **sustentavam** o artista **a-pão-de-ló.**” FAGUNDES TELLES, Lygia. **O jardim selvagem** São Paulo: Editora Três, 1974, p. 28.



## T

**TANTO FAZ COMO TANTO FEZ.** Diz-se do que não obsta; do que não tem a mínima importância. Abon.: “que contasse a todo mundo, que ninguém ia acreditar de qualquer jeito, de forma que **tanto faz como tanto fez**”. RIBEIRO, João Ubaldo. **Livro de Histórias**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981, p. 157.

**TER BOM GUARDADO.** Diz-se de quem tem boas qualidades, bons trunfos, de quem é especial. Abon.: “O nêgo ali, precisa **ter bonzinho guardado**, viu?”. MARINHO, Luiz. **Viva o cordão encarnado**. Recife: Museu do Açúcar, 1969, p. 78.

**TER CORAGEM DE MAMAR EM ONÇA.** Diz-se de quem é valente, disposto. Abons.: 1. “— Estava fritinha se você me defendesse de uma onça com um cabo de vassoura! Só tiro, Pedrinho, ou faca. E **coragem mesmo de mamar em onça**.” JARDIM. Luís. **Maria Perigosa**. São Paulo, Editora Três, 1974, pp. 44-45; 2. “Aquele padre tem muita manha — obser-

vou Diodésio. — É capaz de **mamar em onça**". SALLES, Herberto. **Além dos Marimbus**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1961, p. 80.

TER FÔLEGO DE SETE GATOS. Diz-se de quem é paciente, perseverante e tem força de vontade na execução de suas ações. Abon.: "— Garanto que essas mulheres são do governo. Clarinda arrumou isto para depois jogá-las contra nós — afirmava Guininha, arrasada. — Clarinda **tem fôlego de sete gatos!** disse Aroeira". FRANÇA DE LIMA, Geraldo. **Jazigo dos vivos**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 157.

TER O COLHÃO ROXO. Diz do homem que é homem de verdade, machão, corajoso, **topa-tudo**. Abon.: "Agora é que eu quero ver quem **tem colhão roxo**. Precisam de três porque dois é pouco para topar o coronel". ASFORA, Permínio. **Bloqueio**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1972, p. 196.

TER O GÊNIO ATRAVESSADO NA GARGANTA. Diz-se de quem é genista, difícil. Abon.: "Casou-se três vezes. Em terceiras núpcias, com uma senhora gasguita, de pescoço comprido e um gogó saliente que chamávamos gogó-de-sola, como se **tivesse o gênio atravessado na garganta**". ALMEIDA, José Américo de. **Memórias: antes que me esqueça**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 19.

TER PAUTA COM O DIABO. Pauta é corrutela de pacto. Nas estórias populares fazer ou **ter pauta com**

**o diabo** é trocar o sangue ou a alma por juventude, poder, riqueza. Abon.: “Que **tinha pauta com o diabo**, que não era homem comum, mas o demônio, era o que todos diziam do velho marinheiro”. ALVES DA MOTA. **Ponta Verde**. Recife: Edições Orion, 1974, p. 34.

TER QUE (ou DE) SE VIRAR. Ter que encontrar uma maneira de sobreviver, de resolver uma situação, um problema. Abon.: “Aqui o cara **tem de se virar** sozinho, e como todos se viram ao mesmo tempo, a confusão é geral, e a crise também”. DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. Queixa e esperança do camêlo. **Jornal do Comércio**, Recife, 23/8/1983, Cad. C, p. 1.

TIRAR O PAI DA FORÇA. Diz-se de quem está muito apressado. Abon.: “Trepou na montaria e mupicou o jacumã no rumo de Barcarena. E foi puxando, vexado, como se fosse **tirar o pai da força**.” PE-REGRINO JÚNIOR. **Histórias da Amazônia**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 203.

TORCER A BOCA. Menosprezar alguém. Abon.: “Contra ela não há remédio que sirva, porque a moça que trabalha numa fábrica pode ser boa e direita como for, que não adianta. É sempre tratada de resto, com desprezo. . . Todos **torcem a boca** pra um lado e vão dizendo: É uma operária.” FONTES, Amando. **Os corumbas**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 150.

TRATAR A PÃO-DE-LÓ. Tratar bem, receber bem. Abon.: "O doutor Quincas só faz botar a mão na cabeça. Vive feito pobre, pedindo cana, **tratando** a gente a **pão-de-ló**". CARVALHO, José Cândido de. **Olha para o céu, Frederico!** São Paulo: Editora Três, 1974, p. 53.

## U

UM DIA DEPOIS (ou ATRÁS) DO OUTRO. Continuidade das coisas. Abon.: “— Desta vez, reconheço, você me calou. Não sei o que lhe hei de dizer. Mas lhe peço que dê tempo ao tempo. Nada como **um dia depois de outro**. Deixe que Deus me ilumine e mostre o caminho”. MONTELLO, Josué. **A noite sobre Alcântara**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978, p. 72.

UM FUZUÊ DOS DIABOS. Confusão. Abon.: “Era **um fuzuê dos diabos**. Uma confusão de deixar qualquer um maluco.” SÁ, Sinval. **O Sanfoneiro do Riacho da Brígida**, 3. ed. Fortaleza, 1966, p. 121.

UMA MÃO LAVA A OUTRA. Lei da solidariedade, da ajuda recíproca. Abon.: “Eu gostei do seu semblante, por isso veio logo a confiança. Mas faz de conta que você não viu nada. **Uma mão lava a outra**.” JARDIM, Luís. **Maria Perigosa**. São Paulo: Editora Três, 1974, p. 184.



## V

VÁ PRO INFERNO! Dane-se! Suma-se! Desapareça! Vá embora! Me deixe em paz! Abon.: “Outras vezes conhecia estar tão cansado a ponto de nem lavar os pés, recusando água morna e carinhos. **Vá pro inferno**, me deixe em paz, ferrava no sono”. AMADO, Jorge. **Tereza Batista cansada de guerra**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1972, p. 106.

VER QUEM TEM ROUPA NA MOCHILA. Ver quem tem razão, quem tem direito, quem pode. Abon.: “Vamos **ver quem tem roupa na mochila**”. RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**, 11. ed. São Paulo: Martins, 1969, p. 69.

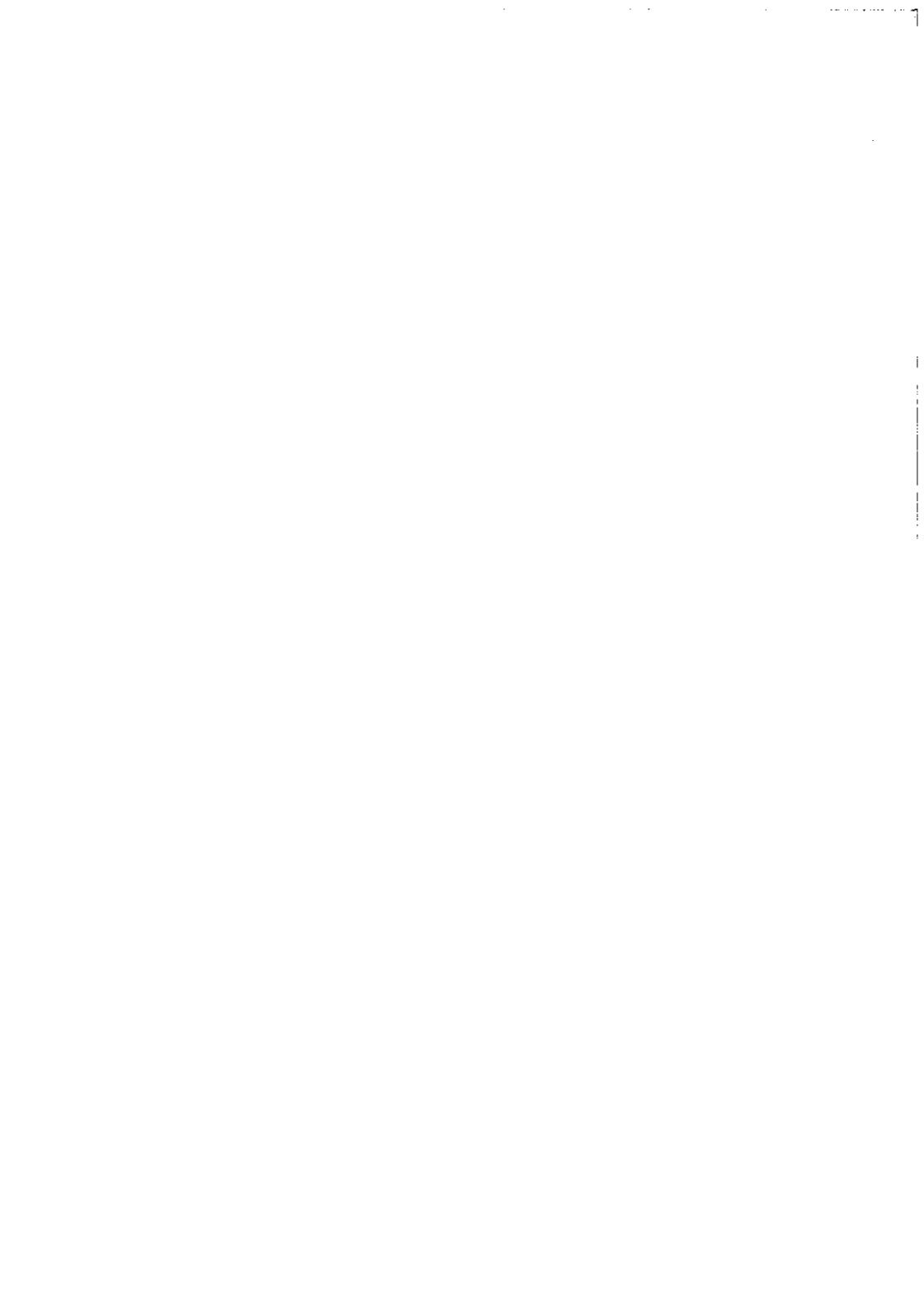
VER O CU DA CUTIA ASSOBIAR. Saber a verdade, nua e crua; a realidade; as dificuldades; o sofrimento. Abon.: “Ele nunca **viu o cu da cutia assobiar** ao meio-dia, vai ver dessa vez.” MAGALHÃES DA COSTA. **Estação das manobras**. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985, p. 22.

VIRAR DEFUNTO. Morrer. Abon.: “Vou falar a

verdade, porque você está lascado e daqui a pouco vai **virar defunto**." CAMPOS, Maximiano. **As sentenças do tempo**. Recife: Editora Universitária, 1973, p. 108.

VIRAR O COPO. Ingerir bebidas alcoólicas. Abon.: "— Não torne a beber aguardente. Foi esta a quarta vez que **virou o copo**". CONDÉ, José. **Pensão Riso da Noite**. São Paulo: Editora Três, 1973, p. 144.

## ÍNDICE ONOMÁSTICO

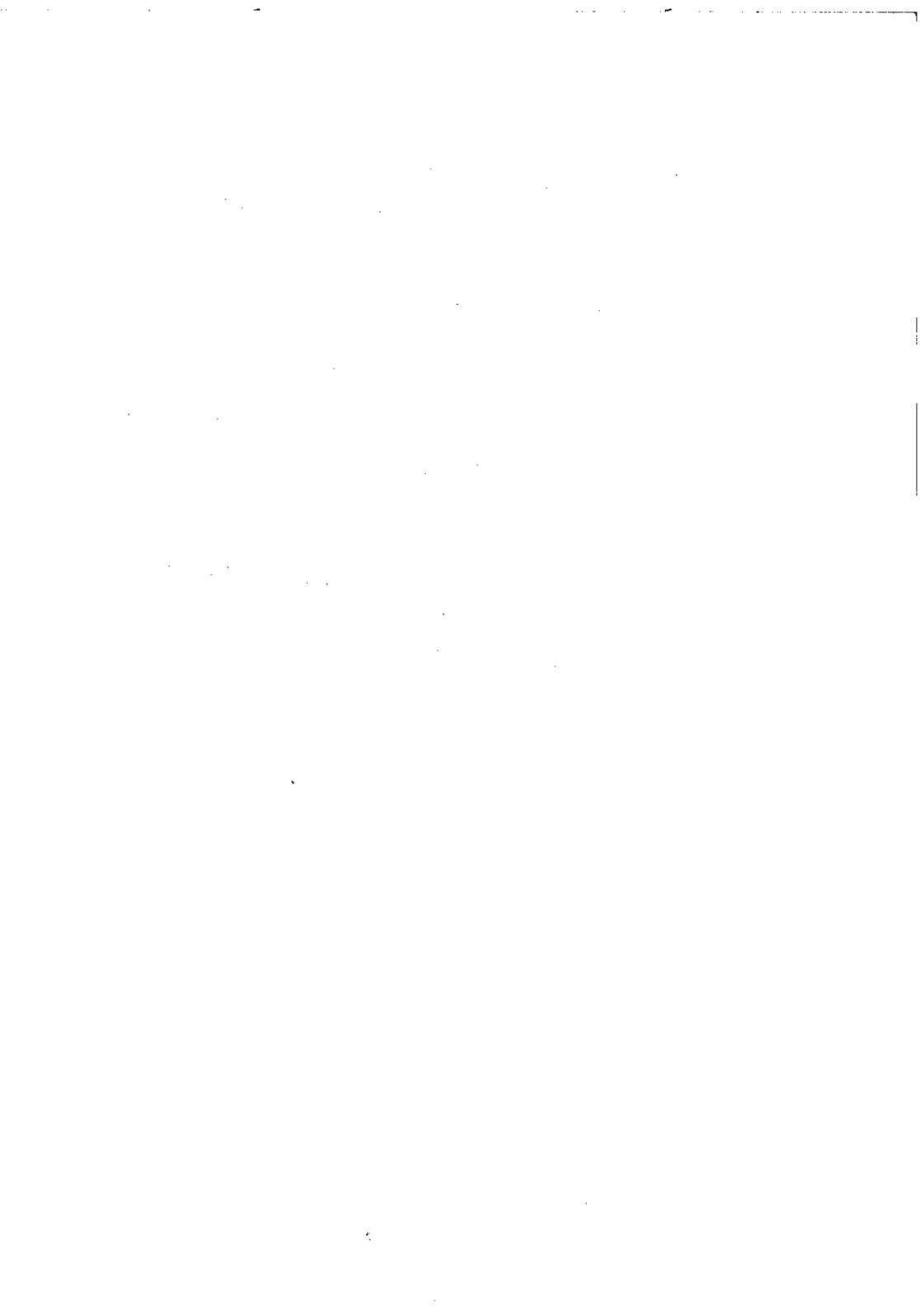


## ÍNDICE ONOMÁSTICO

- ADONIAS FILHO 20, 36  
ALBUQUERQUE, Sérgio 59  
ALMEIDA, José Américo de 19, 31, 34, 37, 45, 77  
ALVES DA MOTA, 78  
AMADO, Jorge 16, 18, 22, 23, 45, 58, 68, 69, 70, 83  
ASFORA, Permínio 17, 18, 25, 29, 40, 53, 77  
AZEVEDO, Arthur 14  
BARBALHO, Nelson 30, 41, 64  
BARRETO, Bruno 35, 61  
BARROSO, Maria Alice 11, 20, 29, 36  
BEZERRA, João Clímaco 68  
BORBA FILHO, Hermilo 11, 24, 27, 28, 31, 65  
CALMON, Antônio 35, 61  
CÂMARA CASCUDO, Luís da 12  
CAMPOS, Maximiano 20, 60, 84  
CARVALHO, José Cândido de 12, 16, 22, 25, 28,  
32, 79  
CARVALHO, Joubert de 32  
CARRADORE, Hugo Pedro 32  
CAVALCANTI, Paulo 75  
CHICO ANÍSIO 16, 57  
CONDÉ, José 15, 68, 84  
CONY, Carlos Heitor 16, 32, 36  
COUTO MALTA, Paulo do 33, 65  
CRAVEIRO, Paulo Fernando 13

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos 27, 31, 37,  
44, 78  
ELIS, Bernardo 23, 41, 46, 49, 55, 56, 65  
FAGUNDES TELLES, Lygia 11, 75  
FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda 9, 75  
FONTES, Amando 13, 20, 56, 59, 78  
FORMENTI, Gastão 33  
FRANCISCO JULIÃO, 17, 26, 34, 51, 52  
FRANÇA DE LIMA, Geraldo 14, 30, 49, 50, 69, 77  
FREYRE, Gilberto 31  
GONZAGA JÚNIOR, Luís 33  
GUIMARÃES ROSA, João 55  
HOLANDA, Nestor de 36, 51  
JARDIM, Luís 11, 13, 16, 64, 73, 76, 81  
JOÃO ALPHONSOS, 13  
JOSÉ NIVALDO 12, 15, 17, 21, 23, 25, 39, 71, 74  
LEITE, Ascendino 40  
LEMONS, Gilvan 21, 34, 65, 74  
LINS DO REGO, José 25, 26, 74  
MAGALHÃES DA COSTA 14, 18, 40, 60, 83  
MARIANO, Olegário 33  
MARINHO, Luís 16, 22, 44, 45, 67, 68, 72, 76  
MATOS, Potyguar 43  
MEDEIROS, Carlézio 35  
MONTE ALEGRE, Omar de 43  
MONTELLO, Josué 14, 24, 27, 29, 36, 37, 43, 53,  
54, 55, 57, 64, 69, 71, 72, 81  
MOTA, Leonardo 63  
NOGUEIRA, Paulo 35  
OLIVEIRA, José do Patrocínio 13, 73  
PACHECO, Renato 25, 51, 58, 63  
PAIVA, Manoel de Oliveira 72

PALMÉRIO, Mário 22, 29, 30, 44, 46, 49, 54, 68, 71  
PEREGRINO JÚNIOR 20, 35, 57, 61, 78  
PEREIRA, Antônio Olavo 20  
PIXINGUINHA, 33  
RABELLO, Evandro 19, 35  
RABELLO, Sylvio 26, 38, 59  
RAMOS, Graciliano 24, 27, 39, 57, 71, 83  
RIBEIRO, João Ubaldo 19, 21, 24, 41, 46, 67, 76  
SÁ, Sinval 81  
SALLES, Herberto 40, 56, 65, 77  
SANTOS, João Felício dos 21, 56, 57, 63  
SOARES, Jô 53  
SOUTO MAIOR, Mário 12, 18, 26, 27, 28, 37, 41,  
45, 46, 60, 61, 64, 67  
TREVISAN, Dalton 11, 21  
VALENTE, Assis 75  
VILA NOVA, Sebastião 26, 44



## BIBLIOGRAFIA DE MÁRIO SOUTO MAIOR

- 1 - MEUS POEMAS DIFERENTES. Recife: 1938
- 2 - ROTEIRO DE BOM JARDIM (com Moacyr Souto Maior). Recife: 1954
- 3 - COMO NASCE UM CABRA DA PESTE. São Paulo: Arquimedes Edições, 1969; 2ª ed. Recife: Edições Grumete, 1984.
- 4 - O CICLO. Recife: 1970.
- 5 - CACHAÇA. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1970/1971; 2ª ed. Brasília: The-saurus, 1985.
- 6 - ANTÔNIO SILVINO, CAPITÃO DE TRABUCO. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 1971.
- 7 - EM TORNO DE UMA POSSÍVEL ETNOGRAFIA DO PÃO. Recife: 1971.
- 8 - DICIONÁRIO FOLCLÓRICO DA CACHAÇA (1ª edição), Recife: 1973; 2ª edição, Fundação Joaquim Nabuco, 1980; 3ª edição, Recife: Editora Massangana, 1985.
- 9 - A MORTE NA BOCA DO POVO. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974.
- 10 - NOMES PRÓPRIOS POUCO COMUNS. (1ª e 2ª edições). Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974.
- 11 - TERRITÓRIO DA DANAÇÃO (Prêmio Vânia Carvalho, da Academia Pernambucana de Letras, 1977). Rio de Janeiro: Livraria São José, 1976.
- 12 - NORDESTE: A INVENTIVA POPULAR (Prêmio Joaquim Nabuco, da Academia Pernambucana de Letras, 1976). Rio de Janeiro: Editora Cátedra/INL, 1978.
- 13 - DICIONÁRIO DO PALAVRÃO E TERMOS AFINS (1ª, 2ª e 3ª edições) Recife: Editora Guararapes Limitada, 1980; 4ª e 5ª eds. Rio de Janeiro: Record, 1988.
- 14 - FOLCLORE ROTISMO (1ª e 2ª edições). Recife: Edições Pirata. 1980, 1981.
- 15 - GALALAUZ E BATORÉS. Recife: Editora Universitária/UFPE, 1981.
- 16 - PAINEL FOLCLÓRICO DO NORDESTE. Recife: Editora Universitária/ UFPE, 1981.
- 17 - COMES E BEBES DO NORDESTE (1ª, 2ª e 3ª eds.). Recife: Editora Massangana, Fundação Joaquim Nabuco, 1984-1985.
- 18 - MULHERES E RUAS. Recife: Grumete Edições, 1984.
- 19 - SETE HISTÓRIAS SEM REI. Recife: Grumete Edições, 1984.
- 20 - REMÉDIOS POPULARES DO NORDESTE. Recife: Editora Massangana, 1986.
- 21 - FOLCLORE QUASE SEMPRE. Recife: Grumete, 1986.
- 22 - VELHOS E JOVENS: UMA FOLCLÓRICA RIVALIDADE. Recife: Grumete, 1987.
- 23 - FOLCLORE & ALIMENTAÇÃO (Prêmio Sívio Romero, 1979 e Gran-Prêmio Iberoamericano Augusto Cortazar/ 1989, Fondo Nacional de las Artes, Ministerio de Educación y Justicia, Argentina), Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, 1988.
- 24 - ANTOLOGIA PERNAMBUCANA DE FOLCLORE (com W. Valente). Recife: Editora Massangana, 1988.
- 25 - ANTOLOGIA DA POESIA POPULAR DE PERNAMBUCO (com W. Valente). Recife: Editora Massangana, 1989.
- 26 - ANTOLOGIA DO CARNAVAL DO RECIFE (com Leonardo Dantas Silva). Recife: Editora Massangana, 1991.
- 27 - A LÍNGUA NA BOCA DO POVO. Recife: Editora Massangana, 1992.
- 28 - SOGRAS: PRÓS & CONTRAS - E OUTRAS CONVERSAS. Recife: 1992.

### A SAIR:

- 1 - NORDESTE: CANTIGAS DE NINAR.
- 2 - ANTOLOGIA PERNAMBUCANA DO FOLCLORE (2ª vol., com Waldemar Valente).
- 3 - BIBLIOGRAFIA PERNAMBUCANA DO FOLCLORE.
- 4 - BIBLIOGRAFIA DA LITERATURA DE CORDEL
- 5 - A PAISAGEM PERNAMBUCANA: PERNAMBUCO SOB A ÓTICA DOS VIAJANTES ESTRANGEIROS E PESSOAS OUTRAS EM TEMPO VÁRIO (com Leonardo Dantas Silva)
- 6 - AS DOBRAS DO TEMPO: QUASE MEMÓRIAS.

$$\frac{1c}{5.000,}$$

$$\frac{02}{\frac{10}{92}}$$

Produzido na Editora Massangana da  
Fundação Joaquim Nabuco e  
impresso na CEPE – Companhia Editora de Pernambuco  
em abril de 1992, ano das comemorações dos  
500 Anos do Descobrimento da América e  
expulsão dos Judeus da Espanha,  
130 anos de aniversário do Instituto Arqueológico, Histórico e  
Geográfico Pernambucano; 140 anos da  
Biblioteca Pública Estadual de Pernambuco;  
60 anos da Associação da Imprensa de Pernambuco (AIP);  
50 anos de publicação da primeira edição argentina  
de *Casa-Grande & Senzala* e do falecimento do  
político pernambucano Pedro Ernesto Baptista; centenário do  
nascimento de Ulysses Pernambucano de Mello,  
Graciliano Ramos e Assis Chateaubriand;  
90 anos do nascimento de Nelson Ferreira;  
170 anos da Independência do Brasil e  
bicentenário da morte de Tiradentes

